

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

ELTON CÉSAR SOEIRO MARAMALDO

**ANÁLISE DISCURSIVA DE REPORTAGENS NO JORNAL CIDADE DE PINHEIRO
SOBRE A INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL (1964)**

Pinheiro
2022

ELTON CÉSAR SOEIRO MARAMALDO

**ANÁLISE DISCURSIVA DE REPORTAGENS NO JORNAL CIDADE DE PINHEIRO
SOBRE A INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL (1964)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de licenciatura em
Ciências Humanas da Universidade
Federal do Maranhão, campus Pinheiro,
para obtenção do grau de licenciado em
Ciências Humanas com habilitação em
História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis
Ribeiro

Pinheiro

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Soeiro Maramaldo, Elton César Soeiro Maramaldo.

ANÁLISE DISCURSIVA DE REPORTAGENS NO JORNAL CIDADE DE
PINHEIRO SOBRE A INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL
1964 / Elton César Soeiro Maramaldo Soeiro Maramaldo. -
2022.

71 p.

Orientador(a): DIMAS DOS REIS RIBEIRO.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, PINHEIRO - MA,
2022.

1. Análise do discurso. 2. Jornal Cidade de Pinheiro.
3. Jornalismo impresso. 4. Regime Militar no Brasil. I.
RIBEIRO, DIMAS DOS REIS. II. Título.

ELTON CÉSAR SOEIRO MARAMALDO

**ANÁLISE DISCURSIVA DE REPORTAGENS NO JORNAL CIDADE DE PINHEIRO
SOBRE A INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL (1964)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis
Ribeiro

Monografia aprovada em: ____/____/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)
Doutor em Serviço Social
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Alexandre Vitor de Lima da Fonseca
Doutor em Geografia
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.^a M.^a Alessandra Cristina Costa Monteiro
Mestra em História

Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que pela sua misericórdia, me atendeu quando por várias vezes dobrei meus joelhos pedindo entendimento e força para dar continuidade a essa instigante jornada que foi a graduação.

Aos meus pais Gercino e Terezinha Maramaldo que sempre acreditaram em mim e por serem exemplos vivos de persistência e superação.

A minha esposa Ângela Maramaldo, que sempre me incentivava para esta conclusão, agradeço por seu amor, atenção e companheirismo.

Aos meus filhos Elton César Junior e Eime Brunelle Maramaldo, que nunca me abandonaram ajudando como podiam, esclarecendo as muitas dúvidas que eu tinha.

Aos meus queridos professores Dr. Luís Eduardo e Prof.^a Dr^a. Francilene do Rosário de Matos, que foram de significativa importância nas orientações recebidas por eles. Muito obrigado por compartilharem seu tempo e conhecimentos comigo.

Agradeço ao Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, meu orientador, com sua paciência que lhe é peculiar, não faltaram horas para a sua boa disposição em me ajudar nas orientações necessárias.

Todo homem prudente age com base no conhecimento, mas o tolo expõe a sua insensatez. Bíblia Sagrada, Provérbio 13:16

RESUMO

Esta pesquisa visou analisar reportagens retiradas do jornal Cidade de Pinheiro, que abordavam a instauração do Regime Militar no Brasil, em 1964, a luz das teorias da análise do discurso de Michel Foucault. O acervo teórico é dividido em três principais eixos, primeiro, a análise do discurso, baseado nas discussões do teórico Foucault (1972). Segundo pesquisas que tratam sobre a origem do jornalismo impresso, conforme Sousa (2006), Longhi (2010) e Cyrre (2010). Terceiro, a instauração do Regime Militar no Brasil, de acordo com as discussões teóricas de Gaspari (2002) e Resende (2013), entre outras pesquisas aqui reunidas. A metodologia da pesquisa foi baseada nos apontamentos de Gil (2008) sobre como empreender uma pesquisa social. O corpus da pesquisa foi constituído de algumas reportagens do Jornal Cidade de Pinheiro publicadas no ano de 1964 que abordavam o assunto em ênfase. Os resultados das análises demonstram a reprodução do discurso das classes dominantes sobre uma suposta revolução comunista que ameaçava a democracia brasileira, na tentativa de justificar e legitimar o Golpe Militar diante da sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Análise do discurso; Jornalismo impresso; Regime Militar no Brasil; Jornal Cidade de Pinheiro.

ABSTRACT

This research analyzed reports taken from the newspaper Cidade de Pinheiro, which deals with the establishment of the Military Regime in Brazil, in 1964, based on the theories of Michel Foucault's discourse analysis. The theoretical collection is first divided into three main axes, the analysis of the study, based on the analysis of Foucault² (19). Second, research that deals with the origin of newspaper, according to Sousa (2006), Longhi (2010) and Cyrre (2010). Third, the establishment of the Military Regime in Brazil, according to the theoretical discussions of Gaspari (2002) and Resende (2013), among other research gathered here. The research methodology was based on Gil's (2008) notes on how to undertake a social. The research corpus consisted of some reports from Jornal Cidade de Pinheiros published in 19 subjects⁶⁴ that addressed the issue in emphasis. The results of Brazilian society's attempts to face democracy and the reproduction of the discourse of the ruling classes about an attempt to threaten to justify Brazilian democracy, in an attempt to threaten to justify Brazilian democracy, the communist military coup of Brazilian democracy.

Keywords: Discourse analysis. Newspaper. Military Regime in Brazil. Cidade de Pinheiro Newspaper.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 1 – Manchete 1 com o Gal Castelo Branco à presidência, voltou a paz a reinar no país. Manchete 2 estão os brasileiros tranquilos e satisfeitos	50
Fotografia 2 – Manchete prepara-se o país para sua normalização.....	54
Fotografia 3 – Manchete revolução e estudantes.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional Número Cinco
APLAC	Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências
Apud.	Palavra latina que significa junto a, perto de, em.
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
Cr.	Cruzeiro
D.	Dom
D.C.	Depois de Cristo
Des.	Desembargador
Dr., Dr ^a	Doutor, Doutora
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PEI	Política Econômica Interna
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SNI	Serviço Nacional de Informação
UDN	União Democrática Nacional
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNESP	Universidade Estadual Paulista
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Periódicos nas cidades de pequeno e médio porte do Estado	34
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	17
3 ANÁLISE DO DISCURSO SEGUNDO FOUCAULT.....	20
4.JORNALISMO IMPRESSO: origem, desenvolvimento e reflexões sobre seu papel na sociedade.....	26
4.1 Jornais impressos no Maranhão	33
4.2 Jornal cidade de Pinheiro: fundação, discursos e percepções.....	36
5 INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL (1964)	42
5.1 Apresentação e análise discursiva das reportagens no Jornal Cidade de Pinheiro sobre a instauração do Regime Militar no Brasil (1964).....	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	66
ANEXOS.....	69

1 INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver esta pesquisa é resultado da interseção entre minhas experiências de trabalho no Jornal Cidade de Pinheiro e dos conhecimentos construídos durante minha graduação no curso de História da Universidade Federal do Maranhão, campus Pinheiro.

O jornal Cidade de Pinheiro, fundado na cidade homônima localizada no interior do Maranhão, foi o primeiro jornal impresso da cidade. Apesar das dificuldades em sua fundação, o jornal conseguiu se consolidar e obter sucesso chegando a ser um jornal de grande circulação na região.

Durante minha infância, acompanhei meu pai, Gercino Moraes Maramaldo, redator do referido jornal, em suas atividades profissionais diárias, onde pude testemunhar os detalhes técnicos da edição e das tiragens das impressões do jornal que era lançado ao público semanalmente, mais especificamente aos sábados.

Em minha adolescência, consegui uma vaga como vendedor dos impressos desse jornal, o qual, na época, já usufruía de muito prestígio dentro da cidade, tendo inclusive, assinantes em outras cidades vizinhas, e em outros estados.

Na época, a unidade do impresso custava Cr\$ 30,00 (trinta cruzeiros), uma assinatura anual para os assinantes residentes em Pinheiro, custava Cr\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros) e para os de outros estados, por causa das despesas de correios Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros).

Anos depois, passei de vendedor de jornais a tipógrafo, ofício que assimilei rapidamente, pois, já há muito tempo, vinha observando o processo de tipografia. Na época, essa atividade consistia na seleção dos tipos (letrinhas de chumbo com as quais eram organizadas as sentenças textuais) que eram colocados em um pequeno suporte de madeira chamado componedor.

No componedor eram formados os blocos de textos em que eram compostas as manchetes, posteriormente as manchetes eram repassadas para uma plataforma, até formar a reportagem inteira que em seguida era impressa graficamente no papel e depois reproduzidas as cópias

O período em que trabalhei no jornal adquiri muitos conhecimentos sobre as técnicas de impressão, noções sobre jornalismo e aprimorei minhas informações sobre retórica e língua portuguesa, além de ter tido contato com pessoas ilustres da

sociedade pinheirense da época, por exemplo, o senhor Francisco José de Castro Gomes, editor chefe do jornal.

Anos adiante, mais especificamente no final da década de 80, acompanhei com certa tristeza, o esfacelamento do Jornal Cidade de Pinheiro provocado por vários fatores, entre eles, o surgimento de outras mídias: rádio, televisão, telefone, etc., que fez com que o jornal perdesse sua popularidade entre os pinheirenses.

As dificuldades financeiras para manter seu funcionamento somado ao fato de seus principais responsáveis já serem de idade avançada, fizeram com que o prédio em que o jornal funcionava fosse vendido para uma empresa privada. Assim, o jornal mudou sua sede para São Luís, capital do Maranhão, seu funcionamento permanece sob a coordenação dos familiares dos fundadores e sua tiragem e circulação ocorre apenas no meio digital.

Tempos depois, já na minha fase adulta e já graduando do curso de Ciências Humanas com licenciatura em História pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, campus Pinheiro, construí muitos conhecimentos relevantes que me permitiram ressignificar minhas concepções sobre a história no contexto social.

As aulas e discussões intermediadas pelos professores ao longo do curso permitiram-me perceber que a história, não apenas enquanto disciplina científica, mas como resultado dos esforços humanos em registrar para a posteridade os episódios de desenvolvimento de um grupo social, consiste num processo feito sob diferentes perspectivas.

Apesar disso, muitas vezes, a História “é contada” por meio de estratégias de homogeneização que visam promover os interesses ou ideologias de um determinado grupo social. Nessa perspectiva, vemos que a História, tal qual é reproduzida em alguns contextos, entre eles, o jornalístico, não corresponde totalmente “à verdade”, mas a uma perspectiva dela.

Ainda sobre o período da minha graduação, um dos temas muito recorrente em nossas aulas era: o manuseio das notícias no jornalismo e telejornalismo brasileiro. Em nossas discussões sobre esse tema, encontrei insumos para o entendimento de que as mídias de informação e comunicação nem sempre são imparciais como alegam ser.

A soma desses conhecimentos, construídos ao longo da minha graduação permitiram-me questionar o modo como as notícias eram selecionadas e divulgadas

no Jornal Cidade de Pinheiro, no qual, outrora, havia trabalhado. Tal curiosidade sobre o assunto, por sua vez, me incentivou a realização desta pesquisa.

Durante uma conversa com a professora Francilene do Rosário de Mattos, sobre o desejo de realizar a pesquisa, recebi dela a sugestão para empreender uma abordagem interdisciplinar, na qual reunisse aportes teóricos da História, enquanto disciplina científica e as teorias sobre a Análise do Discurso, segundo as concepções do filósofo francês Michel Foucault.

Segundo a professora, as teorias de Foucault acerca dos discursos que permeiam a tessitura social, revelam que muitas vezes, os discursos das classes dominantes podem ser identificados em mídias de grande circulação, dentre elas, os jornais, isso contribui na reprodução desses discursos pelos leitores menos críticos e consequentemente na perpetuação deles na sociedade.

Dessa maneira, coletamos algumas reportagens do Jornal Cidade de Pinheiro, para então realizarmos análises sobre o contexto histórico, bem como, identificar quais os discursos, segundo as concepções de Foucault, estão presentes nessas reportagens e de que maneira elas influenciam na produção desses enunciados jornalísticos.

Em vista da necessidade de delimitar adequadamente os dados a serem analisados na pesquisa, decidimos coletar reportagens que abordam um dado momento histórico de nosso país. Assim, coletamos reportagens do Jornal Cidade de Pinheiro, do ano de 64 que traziam notícias e reportagens relacionadas a instauração do Regime Militar no país, para identificar e analisarmos os discursos presente nas reportagens.

Por conseguinte, a pesquisa foi organizada da seguinte maneira: no capítulo 1, Introdução, apresentamos brevemente os motivos que levaram a realização da pesquisa, a disposição dos capítulos e os assuntos abordados em cada um deles.

No capítulo 2, intitulado Aspectos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa, apresentamos os princípios teóricos e a trajetória metodológica adotada na pesquisa. No subcapítulo 2.1, intitulado Análise do discurso segundo Foucault, apresentamos alguns aspectos dessa corrente teórica que nortearam as análises das reportagens.

No subcapítulo 2.2, Apresentação e Análise dos Dados, apresentamos recortes das reportagens retiradas do Jornal Cidade de Pinheiro sobre notícias relacionadas a Instauração do Regime Militar no Brasil, na década de 64. Além de realizar as análises sobre os discursos presentes nas reportagens selecionadas.

No capítulo 3: Instauração do Regime Militar (1964) abordamos alguns aspectos históricos, políticos e ideológicos que culminaram na ascensão dos militares ao poder e deu início ao período do Regime Militar no Brasil, segundo as discussões do pesquisador Gaspari (2002) e (2003).

O capítulo 4, Mídias Impressas é subdividido nos subcapítulos: 4.1 Reflexões sobre o papel do Jornalismo nas sociedades, em que discutimos brevemente sobre a consolidação do jornalismo impresso como um dos principais meios de comunicação, com ênfase no emprego dessas mídias pelas classes dominantes sociais, baseados nas discussões de autores como Sousa (2009) Cyrre (2010), Longhi (2010), Lima (2017). No subcapítulo 4.2, Jornais Impressos no Maranhão, abordamos a chegada e consolidação do jornal impresso na capital e em algumas cidades do MA bem como sua relação com as elites da época. 4.3 cujo título é Jornal Cidade de Pinheiro em que tratamos sobre a fundação do jornal, sua importância econômica e social para a pequena cidade do interior do MA, além de destacarmos algumas curiosidades sobre seu funcionamento, segundo registros de Gomes (2004) e Viveiros (2007).

Acreditamos que a realização desta pesquisa vai contribuir com resgate de um importante elemento da história de nossa cidade: o Jornal Cidade de Pinheiro, bem como, vai trazer as novas gerações de nossa cidade importantes informações e análises sobre o Jornal e sobre a relações de produção de sentidos, discurso segundo Foucault, na sociedade e nos enunciados presentes nas mídias.

Visamos também contribuir com a realização de outros estudos sobre análises de enunciados de reportagens em mídias impressas ou digitais. Intencionamos ainda, acrescentar novas percepções sobre o cenário político e a produção de discursos que visavam justificar a instauração do Regime Militar em nosso país.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho é importante ressaltar a importância do processo de coleta de dados para o esclarecimento de fatos e veracidade das informações obtidas em uma pesquisa. Entendemos, portanto, que a pesquisa científica, segundo Bastos e Keller (1995, p. 53), é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo. Sendo assim, o ponto de partida para este trabalho foi a busca de fatos e acontecimentos relevantes para auxiliar e solucionar as indagações do tema a ser abordado.

Levando em consideração as muitas formas de realizar uma pesquisa, uma das principais fontes para a realização deste trabalho foram: livros, jornais, sites da *internet*, artigos, vídeos e fotos que serviram como suporte teórico para a coleta e análise de dados, caracterizando assim uma pesquisa bibliográfica.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Compreendemos, portanto, que para qualquer que seja o tipo de pesquisa a ser desenvolvida, é inevitável primeiramente o levantamento de dados bibliográficos para o direcionamento dos próximos passos da investigação. Para Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, podemos destacar a importância da conservação e preservação de tais documentos que servem de apoio para estudos e para compreensão de aspectos históricos e sociais, ou seja, afirmamos aqui a importância do resgate ao discurso histórico, onde nos baseamos no filósofo e teórico francês Paul Michel Foucault, que em sua obra *Arqueologia do Saber* (1969), apresenta como a análise do discurso histórico pode nos ajudar a compreender os discursos da sociedade contemporânea, ou seja, a análise é realizada diante dos acontecimentos que dependendo de cada época são influenciados pelos aspectos

sociais, políticas e econômicas. Sendo assim, não se pode falar de fatos históricos de qualquer forma, sem entender os aspectos sociais daquele momento, e Foucault explica que é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo.

[...] não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica” (FOUCAULT, 1969, p. 159).

Vemos assim, que o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma História. E esse é o suporte em que se baseia esta pesquisa, é considerar os acontecimentos históricos e realizar a interpretação do discurso diante do pensamento daquela época.

Como mencionado, a intenção desta pesquisa foi analisar algumas reportagens políticas encontradas no Jornal Cidade Pinheiro, o qual, outrora, foi um dos principais meios de comunicação na cidade de Pinheiro, interior do Maranhão. Nosso objetivo foi analisar as reportagens que abordavam acontecimentos históricos em específico de nosso país.

Assim, inicialmente, pretendíamos selecionar reportagens sobre o Ato Institucional, que ficou conhecido nos registros históricos como AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, no governo do Gal Costa e Silva. Reconhecidamente o período mais radical e polêmico do Regime Militar no Brasil (1964-1978).

Durante uma visita previa a Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências - APLAC, local que serve como arquivo para os antigos impressos ainda existentes do jornal Cidade de Pinheiro, encontramos algumas reportagens da década de 68 sobre o AI-5.

Contudo, posteriormente, ao voltarmos a APLAC não conseguimos reencontrar esses impressos. Diante disso, decidimos selecionar reportagens que tratavam sobre outro momento histórico, o período de instauração do Regime Militar em 64, conforme os anexos das reportagens expostas na seção 2.2.

Para as análises, nos baseamos ainda no aporte teórico da Análise do Discurso, formulado por Foucault em sua obra 'a Ordem do Discurso' (1971). Desta

vez, Foucault discute sobre os discursos (produção de sentido) existentes na tessitura social, que servem, entre outros objetivos, para a manutenção do poder dos grupos sociais dominantes.

A trajetória metodológica da pesquisa foi pautada nas discussões de Gil (2008) sobre métodos e técnicas para a pesquisa social. Diante dos objetivos estabelecidos nesta pesquisa realizaremos uma pesquisa descritiva, pois tem por finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias sobre um determinado fenômeno” (GIL, 2008, p. 27).

No tocante ao delineamento da pesquisa, ela classifica-se como pesquisa documental, posto que:

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2008, p.51).

Segundo o autor, nossa pesquisa encaixa-se na pesquisa documental cujo documentos são de primeira mão, isto é, documentos que ainda não foram analisados através de pesquisas, como por exemplo, os enunciados jornalísticos os quais figuram como a fonte de dados desta pesquisa.

Na seção 2.2, apresentamos 03 recortes de reportagens produzidas pelo Jornal Cidade de Pinheiro, selecionamos algumas reportagens que abordam aspectos do Regime Militar, na década de 64, período da Instauração do Regime Militar. Os impressos digitalizados na íntegra podem ser consultados nos anexos.

3 ANÁLISE DO DISCURSO SEGUNDO FOUCAULT

Jean Michel Foucault (1926-1984) foi um proeminente filósofo e pesquisador social, nascido na França, foi professor, pesquisador e autor de um vasto acervo de obras, entre as quais podemos destacar: A Arqueologia do Saber, Vigiar e Punir, a História da Loucura entre muitas outras.

A pesquisadora brasileira, professora Dr^a Rosário Gregolin da UNESP de Araraquara- SP, destaca que Foucault vivenciou as tensões sociais e políticas que caracterizaram a década de 60 na França, essas agitações sociais influenciaram diretamente seus trabalhos e discussões teóricas.

Gregolin (2013) destaca alguns dos acontecimentos que marcaram esse período: as contínuas tensões nos desdobramentos na Guerra entre a França e a Argélia, o aumento do desemprego da França, o aquecimento dos movimentos estudantis pelas reformas educacionais que culminaram num episódio histórico conhecido como as manifestações de maio de 68, o crescimento do movimento feminista, manifestações contra os regimes militares existentes na América Latina, manifestações contra Guerra do Vietnã etc.

Ainda de acordo com Gregolin (2013), esses movimentos serviram de inspiração para que Foucault discutisse as relações de poder e influência entre os governos, as instituições e o homem, isto é, como o homem, enquanto ser social é influenciado por esse emaranhado de poderes.

Gregolin (2013) ressalta que Foucault era um intelectual militante, pois ele não apenas discutia as questões sociais e suas implicações na formação social do homem, mas defendia a necessidade de levar essas discussões para além do campo acadêmico, a necessidade de agir e assim, contribuir para a transformação da consciência humana e da constituição social.

Colín (2020) argumenta que as discussões teóricas de Foucault foram influenciadas pelo pensamento marxista- conjunto de princípios teóricos estabelecidos pelos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, encontrados em obras como o Manifesto Comunista, O Capital e outras.

Apesar disso, Colín (2020) defende que Foucault não apenas foi influenciado, mas ampliou as discussões propostas por Marx e Engels, como descrito:

No lugar da luta de classes, em que se baseia a política marxista, Foucault coloca “relações de poder”; no lugar da luta para abolir a exploração, coloca a “resistência”; o lugar do proletariado como sujeito revolucionário é ocupado por uma infinita rede de lutas particulares e isoladas contra o poder; em vez do materialismo histórico e do papel determinante das relações de produção, coloca-se o poder determinante do “discurso” na configuração do poder (COLÍN, 2020).

Conforme exposto, Foucault, embora claramente influenciado pelo princípio da luta de classe, proposta no pensamento marxista, amplia as discussões ao delimitar o cerne da questão nas relações de poder que configuram às sociedades contemporâneas. Assim percebemos que os princípios teóricos do Marxismo contribuíram para a produção intelectual de Foucault.

Dentre as famigeradas obras que compõem o vasto acervo de produção intelectual de Foucault, abordaremos neste capítulo, a obra *A Ordem do Discurso*, certamente uma das mais icônicas do autor, consiste numa transcrição de um discurso proferido por ele, na ocasião de uma aula inaugural no *Collège de France* (Universidade da França), em 2 de dezembro de 1970, cujo conteúdo foi transcrito numa obra homônima publicada em 1971.

Na obra, ele apresenta e discute suas concepções acerca do discurso, sua formação e sua influência na produção de outros discursos no contexto social. Antes de prosseguirmos, é importante ressaltar que para Foucault (1971) o termo discurso não se restringe a um enunciado oral emitido em uma determinada ocasião especial.

Gregolin (2013), traz uma interessante explicação sobre o termo discurso na perspectiva foucaltiana:

[...] toda a produção de sentido é um discurso, o discurso, ele pode ser oral [...] ele pode ser escrito, pode ser pintado (pinturas), a arquitetura é uma forma de discurso, enfim, tudo aquilo que produz alguma forma de sentido para as pessoas, é uma forma de discurso [...] quando a gente pensa em discurso, normalmente a gente pensa em discurso político, que é talvez o mais conhecido, o mais difundido, mas todas as pessoas ao falarem, ao escreverem, ao pintarem, estão produzindo discursos, não há nenhum discurso que não seja controlado pelo poder, não há uma maneira de alguém [...] produzir um discurso totalmente livre, é sempre controlado [...] (GREGOLIN, 2013, YOUTUBE).

Baseados nos argumentos da pesquisadora Gregolin (2013), entendemos que para Foucault (1971), o discurso consiste na produção de sentidos que são incorporados na tessitura social e passam a influenciar na forma como seus integrantes pensam e agem, e mais, influenciam na formação discursiva desses integrantes.

Muito mais do que novos conceitos, Foucault (1971) propunha uma nova abordagem para os pesquisadores e cientistas sociais, sobre como compreender certas questões que permeiam as relações sociais. Assim, o conjunto de suas obras e discussões serviram de base para a formação de uma nova abordagem teórica: a Análise do Discurso.

Certamente, uma das linhas teóricas mais difundidas da década de 60 e ainda hoje, tanto na França como em vários outros países, incluso o Brasil, a Análise do Discurso, na perspectiva de Foucault, continua sendo um importante aporte teórico nas pesquisas sobre as relações e constituição social do homem.

Para Foucault (1971), é possível identificar nas sociedades diferentes tipos discursos, alguns estão cristalizados e assim exercem influência na configuração do grupo social, embora muitas vezes os integrantes dessas sociedades não percebam que esses discursos existem e influenciam na produção discursiva das pessoas.

Foucault (1971, p. 1) deixa isso claro, logo no início do seu discurso, proferido na aula inaugural: “[...] no momento de falar, uma voz sem nome me precedia desde há muito [...]” esse parece ser um dos pontos centrais nas discussões dele, em que medida estamos cientes das influências desses discursos no modo como vemos o mundo?

Como dito pelo referido teórico, essa “voz sem nome” já existia há muito tempo, sua influência é sutil, porém uma realidade na formação da consciência e, por conseguinte, na formação discursiva dos membros de um grupo social.

Mais adiante, Foucault (1971, p. 1) trata de forma alegórica de duas entidades: o desejo e a instituição.

O desejo diz: "Eu, eu não queria ser obrigado a entrar nessa ordem incerta do discurso [...] E a instituição responde: "Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiámos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe."

De forma alegórica, Foucault (1971) trata da relação entre os desejos humanos e o papel das instituições sociais no sentido de refreá-los. De acordo com Rabelo (2020), Foucault formulou seus pressupostos em diálogo com os estudos de Sigmund Freud na psicanálise. Logo, ele partia da premissa de que o homem era um ser formado por desejos, conscientes e inconscientes que influenciam no comportamento humano.

Contudo, o refinamento dos protocolos sociais e sobretudo, as instituições sociais: as leis, a igreja, a família etc. servem para tolher, controlar, refrear e evitar esses impulsos de modo a “facilitar” as vivências e as relações sociais.

Desse modo, como vimos na citação, o desejo não pretende submeter-se aos desígnios do discurso dominante, contudo, ainda segundo a citação, o discurso está na ordem das leis, isto é, não é algo eletivo, precisa ser obedecido à risca por todos os membros da sociedade, “e se ele (o discurso) tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe” (FOUCAULT, 1971, p. 1).

Essa assertiva evidencia a concepção de Foucault (1971) sobre como nós, enquanto membros sociais validamos ou damos poder aos discursos, à medida que os reproduzimos. Isso fica claro em situações que vivenciamos ou testemunhamos no dia a dia.

Por exemplo, sempre que reproduzimos em nossa fala ou em uma postagem nas mídias sociais ou de alguma outra forma, discursos como: “bandido bom, é bandido morto” estamos apoiando e validando um comportamento marcial e de execução reproduzido pela polícia que figura como instituição social responsável pela manutenção da segurança pública.

Em outras palavras, damos apoio e poder a essa instituição: a polícia, para agir da forma como lhe aprouver, ou seja, tanto na seleção de “quem são os bandidos”, quanto em relação a sua execução. É interessante perceber que esse discurso não é exclusivamente brasileiro, ele foi incorporado em nosso contexto social e vem sendo reproduzido e perpetuado desde então, nós reproduzimos e o validamos em apoio à instituição, nós damos a ele esse poder.

Em verdade, esse é um dos elementos chaves nas discussões de **Foucault (1971): as relações de poder**, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o **próprio poder** de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1971, p. 2).

Para o teórico, o cenário social, é um palco das relações e disputas de poder, esse poder é conquistado e consolidado por meio dos discursos que são assimilados e reproduzidos pelos membros de uma determinada sociedade. Não somente isso, o discurso é base para obter poder e influência dentro da sociedade, ele, o discurso "é o próprio poder" na qual as relações e conflitos de poder ocorrem na tessitura social.

Nesse palco em que há as disputas de poder, cada grupo social desenvolve estratégias de difusão de discursos

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1971, p.2).

Foucault (1971) defende que os grupos sociais agem de forma estratégica, selecionam os discursos, já que nem todos os discursos representam de forma satisfatória a imagem social que um determinado grupo social deseja ter, assim, os discursos são organizados e redistribuídos.

Sobre a redistribuição, é interessante notar como um mesmo discurso pode manifestar-se em diferentes contextos e de diferentes formas: num contexto informal, ele pode manifestar-se por meio de piadas, por meio de um *cartoon* ou mesmo uma charge, já em outro contexto, pode aparecer num discurso inflamado de um candidato político, ou na voz serena de um educador ou de outro ator social etc. (RABELO, 2020).

O que queremos frisar é que os discursos são redistribuídos e podem ser expressos por diferentes linguagens. Rabelo (2020) discute que nas interações interpessoais corriqueiras é comum ouvirmos discursos como: "eu não sou racista, tenho até amigos negros" ou "eu não sou homofóbico, tenho até amigos gays".

Discursos como esses, quando expressos, demonstram a distância de seus reprodutores ou seria locutores ou ainda interlocutores, com o cerne da questão, afinal, não se trata de ter ou não amigos negros ou gays, se trata de algo maior, mais complexo: os anos de racismo e homofobia que permeiam nosso contexto social e continuam a moldar a mentalidade dos brasileiros sobre a forma como negros e homossexuais são tratados socialmente.

Isso por sua vez, vai ao encontro daquilo proposto por Foucault (1971) na citação acima: "disfarçar a sua pesada e temível materialidade", o racismo e a

homofobia são duas das muitas mazelas sociais que afligem a sociedade brasileira. Contudo, muitas pessoas ainda compartilham o discurso sobre não haver racismo estrutural, o que há, são casos de racismo circunstancial, ou não há homofobia, os grupos gays querem ter mais privilégios do que os héteros.

Esses discursos não somente afastam a população do âmago dos problemas sociais, como disfarçam sua “terrível materialidade”: a perpetuação da supremacia branca sobre pessoas negras e a perpetuação dos ideais heteronormativos sobre os homossexuais etc.

Retomando as discussões de Gregolin (2013), vemos a pesquisadora enfatizar o caráter dinâmico e temporal dos discursos. Com o passar do tempo alguns discursos que no passado não eram tão proeminentes, passam a ganhar mais visibilidade no espaço social.

A autora exemplifica usando como ilustração os discursos acerca da necessidade de preservação dos recursos naturais do nosso planeta. De acordo com a autora, embora já existissem discursos sobre esse assunto, é perceptível que ele ganhou mais evidência e mais força, por conseguinte, os discursos apresentam-se de forma mais contundente nas sociedades atuais.

Com efeito, nas últimas décadas, é possível notar uma intensificação nos discursos que visam modificar o entendimento das pessoas sobre a necessidade de preservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Atualmente, mais do que apenas movimentos sociais, vemos discursos que visam promover um estilo de vida com menos poluição e voltado para vivência humana ecologicamente sustentável.

Ainda segundo Gregolin (2013), o aspecto dinâmico e temporal dos discursos, isto é, a maior ou menor visibilidade social o qual um discurso alcança no contexto social está relacionado a fatores sociais, políticos, econômicos, educacionais, culturais etc.

Dessa maneira, entende-se que os discursos estão relacionados às mudanças no contexto social, à medida que a sociedade se modifica, pautas, temas e assuntos sociais vão ganhando maior ou menor atenção, isso implica diretamente numa reprodução maior ou menor de um determinado discurso.

Foucault (1971) aborda ainda muitos outros aspectos relacionados a questão do discurso e seus impactos no âmbito social. No entanto, nos deteremos nos aspectos discutidos acima acerca do discurso como meio de manutenção do poder

dos grupos sociais dominantes, e como esses grupos empregam estratégias para difusão e cristalização desses discursos entre os membros sociais.

4 JORNAIS IMPRESSOS: origem, desenvolvimento e reflexões sobre seu papel nas sociedades

Sousa (2006) argumenta que as civilizações, ao longo dos séculos, perceberam a importância do registro, conservação e transmissão das tradições, dos valores e aspectos culturais de sua sociedade para a posteridade. Segundo o autor, a transmissão da história e identidade de uma determinada sociedade consiste num fator essencial para a preservação de seu estilo de vida.

Nesse contexto, diferentes sociedades desenvolveram diferentes formas de registrar e armazenar as informações as quais acreditavam ser mais relevantes para a preservação da identidade do grupo. Sousa (2006) destaca que desde a pré-história os “homens das cavernas” utilizavam as pinturas rupestres para diferentes finalidades relacionadas à expressão. Conforme exposto:

Nos primórdios da humanidade, os homens agregavam-se em pequenos grupos tribais e necessitavam de comunicar uns com os outros para garantir a sua sobrevivência. Quando o homem pintava as paredes das cavernas evidenciava a necessidade de comunicar [...] (SOUSA, 2006, p. 129).

Além de estabelecer comunicação, as pinturas rupestres representam meios de registros sobre o modo de vida dessas pessoas e de seus grupos (SOUSA, 2006). Séculos adiante, o **advento da escrita** permitiu ao homem um meio mais consistente de registrar informações consideradas importantes para aquelas sociedades.

Sousa (2006) destaca que a mudança da transmissão oral dos aspectos identitários de uma sociedade para o registro escrito representa um avanço no desenvolvimento das organizações sociais, como vemos:

[...] foi apenas com a passagem da linguagem oral à escrita (praticada sobre suportes mediáticos, como o barro, a madeira, a pedra, a cera e o papiro) que se tornou possível à comunicação vencer o tempo e, em grande medida, o espaço. Foi a escrita que permitiu ao homem transmitir rigorosamente informações de geração em geração, sem se sujeitar à infidelidade dos processos de transmissão oral e, ao contrário do que sucede com os restantes seres vivos e aconteceu com os nossos antepassados mais antigos [...] (SOUSA, 2006, p.129-130).

A sofisticação da atividade da escrita possibilitou a articulação das relações comerciais, registros relacionados à produção agrícola e pecuária, elaboração de documentos burocráticos, legais, religiosos etc. Assim, entendemos que a escrita contribuiu para a consolidação da organização social humana.

Além disso, Sousa (2006) dá ênfase a importância da escrita para a estruturação da chamada comunicação social, a qual, o autor conceitualiza como: “o processo de comunicação em sociedade, normalmente para um grupo grande de receptores, usando dispositivos técnicos que suportam a comunicação – as mídias”. (SOUSA, 2006, p.126).

Como vemos, o autor compreende a comunicação social como um processo de comunicação ou de transmissão de diferentes conteúdos no espaço social, entre os integrantes de uma determinada sociedade. Ainda em vista da citação acima, essa comunicação ocorre por meio de dispositivos que viabilizam essa partilha de conteúdos, as mídias.

Ainda nesse contexto, Sousa (2006) ressalta as diferentes mídias impressas elaboradas por diferentes civilizações ao longo do tempo. É importante esclarecer que quando o autor se refere a mídias impressas ele não está tratando ainda dos jornais impressos, mas a dispositivos ou suportes impressos cuja finalidade eram comunicar ou transmitir informações no espaço social.

Nesse sentido, uma das primeiras mídias impressas foram as *Actas*. “As *Actas* nasceram no final da República Romana, por ordem de Júlio César. Primeiramente eram apenas afixadas, mas rapidamente começaram a circular sob a forma de pergaminhos” (SOUSA, 2006, p.145). Elas relatavam as sessões do Senado Romano, narravam as conquistas militares e outros importantes acontecimentos em Roma. As *Actas* levavam as principais informações do Império para as províncias (SOUSA, 2006).

No século XV, na Europa, são elaboradas as folhas volantes, também conhecidas por folhas ocasionais. Essas mídias consistiam em relatos, geralmente individualizados sobre curiosidades ou acontecimentos históricos, por vezes, seus conteúdos eram inventados na intenção de atrair mais leitores com suas narrativas fantasiosas (SOUSA, 2006).

Já no século XVI, surgem as gazetas, coletâneas de fatos e acontecimentos ocorridos em uma determinada cidade ou região. Contudo, nem sempre seus relatos

eram fidedignos. Inicialmente, as gazetas eram produzidas de forma esporádica, mas com o tempo, passaram a ter periodicidades semanais. (SOUSA, 2006).

Sousa (2006) ressalta que o nome gazeta era, a priori, o nome de uma espécie de moeda italiana e passou a referenciar as mídias impressas acima descritas, pois era o valor cobrado pelas pessoas letradas para ler as notícias para os analfabetos.

Retornando ao século XV, destacamos outra importante invenção que impulsionou a produção e difusão das mídias impressas: a Prensa de Gutemberg. Sousa (2006) ressalta que na China, no século III d.C. já existia a técnica de impressão, por meio da xilogravura, em blocos de madeira. A impressão em folhas de papel é datada no ano de 868, o Diamond Sutra, um dos textos mais sagrados do Budismo. Contudo, o processo de impressão nesse período era manufaturado, no qual as letras eram impressas uma a uma. Além disso, essa técnica por muito tempo ficou restrita à cultura chinesa.

A revolução proveniente da prensa de Gutemberg consiste na possibilidade de impressão de textos em larga escala, acelerando o processo de produção de livros, documentos e outras mídias impressas. Essa tecnologia popularizou-se pela Europa e depois pelo mundo e contribuiu para a periodicidade das mídias impressas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento dos jornais impressos.

De acordo com Sousa (2006) é difícil determinar qual foi o primeiro jornal impresso, conforme ilustrado:

Segundo Costella (1984: 83), o mais antigo jornal impresso da história é o *Noviny Poradné Celého Mesíce Zari Léta 1597* (Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro de 1597), mensário editado em Praga por Daniel Sedlitzhansky, a partir de 1597. Mas outros historiadores preferem dar as honras de primeiro jornal impresso ao semanário *Nieuwe Tijdinghen*, criado em Antuérpia por Abraão Verhoeven, em 1605. De qualquer modo, pode dizer-se que durante o século XVII os jornais impressos [...] vão tornando-se comuns por toda a Europa (SOUSA, 2006, p.146).

Apesar das diferentes opiniões sobre qual primeiro periódico impresso, entende-se, conforme citação acima, que o século XVII foi o período em que os jornais impressos e mesmo os manuscritos alcançaram maior circulação na Europa.

Nesse período, mais especificamente em 1611, é fundada na França o *Mercure Français*. Em 1622 surge na Inglaterra o *Weekly News*. Esses jornais eram lançados semanalmente e apresentavam um resumo dos principais acontecimentos e curiosidades, considerados mais interessantes para a nobreza (SOUSA, 2006).

Segundo Sousa (2006), o primeiro jornal com tiragem diária, generalista e noticiosa, surge na Alemanha, na cidade de Leipzig, denominado *Leipziger Zeitung*, (em tradução literal: Jornal de Leipziger) em 1660. O primeiro jornal com tiragem diária, em língua inglesa, foi o jornal *Daily Corant*, (Correio Diário, em tradução livre conforme Sousa, 2006) fundado na Inglaterra em 1702.

É interessante notar que gradualmente os jornais passam a ter maior periodicidade em diferentes países da Europa, tendo alguns jornais impressos diariamente, enquanto outros eram lançados alguns dias ao longo da semana. Para Sousa (2006), a intensificação na tiragem dos impressos evidencia a construção de uma nova concepção, que seria: uma sociedade desenvolvida precisar ser bem-informada, e essa informação precisa circular o mais instantaneamente possível.

Dessa maneira, sociedades com produção e consumo de jornais impressos diários eram consideradas sociedades cultas, civilizadas e evoluídas. Por conseguinte, os jornais impressos consolidaram-se pela Europa como principal meio de comunicação e transmissão de informações.

O grande prestígio e força alcançados pelos jornais impressos, fez com que sua produção, durante muito tempo, estivesse vinculada aos interesses das classes dominantes. Assim, a produção desses impressos na Europa, por muito tempo, ficou a cargo de pessoas de confiança da nobreza (SOUSA, 2006).

Apesar disso, existem registros sobre “jornais clandestinos” financiados, produzidos e impressos sem o custeio, nem autorização da nobreza, eram quantitativamente menos comuns do que os jornais impressos financiados pela elite. Esses jornais, muitas vezes não tinham tiragens diárias e, em geral, serviam como instrumento de oposição ou como meio de denúncia dos abusos cometidos pelos integrantes das classes abastadas (SOUSA, 2006).

Com o passar do tempo, transformações políticas e sociais contribuíram na reconstrução do “modus operandi” dos jornais impressos. Como evidenciado por Sousa (2006):

O triunfo do liberalismo em várias partes do mundo, incluindo em Portugal (1820), com influência direta no Brasil, e a influência das revoluções Americana e Francesa e, antes delas, da Revolução Gloriosa Inglesa, inaugurou um período de liberdade de expressão que impulsionou a criação de jornais no Ocidente (SOUSA, 2006, p. 146).

As mudanças no cenário político na Europa e na América pós independência contribuíram para o aumento na produção de jornais cada vez menos dependentes

da influência dos grupos da elite social. A partir daí surgem as agências e companhias privadas de jornalismo em diferentes países (SOUSA, 2006).

Para Sousa (2006), as transformações sociais decorrentes, entre outros fatores, do Iluminismo no século XVIII, contribuíram para a criação de políticas públicas que visavam garantir o direito da população à alfabetização e educação. Como resultado, cresceu o número de leitores, novas camadas sociais buscavam inteirar-se sobre acontecimentos relacionados à política, economia e outras temáticas.

O aumento na diversidade do público leitor modificou não apenas o estilo da linguagem empregada nos jornais, mas também os conteúdos. Os jornais buscavam ter uma linguagem e conteúdo mais acessíveis, de modo a atrair o maior número possível de leitores (SOUSA, 2006).

Esse panorama pode fazer parecer que os jornais impressos representavam um símbolo da democratização da informação, em que qualquer pessoa, independentemente de sua posição social, poderia ter acesso às informações e acontecimentos relevantes à sua sociedade, ou uma forma do sujeito não apenas inteirar-se, mas em alguma medida, fazer parte dos principais acontecimentos.

De fato, é importante reconhecer o importante papel dos jornais impressos nas sociedades da antiguidade e contemporâneas. Entretanto, o enfoque que daremos a partir deste parágrafo é na relação de interesses ou a relação de poder entre os jornais impressos e as classes dominantes de um dado grupo social.

Sousa (2006) enfatiza o fato dos primeiros jornais impressos na Europa estarem vinculados à monarquia e a aristocracia, isto é, os conteúdos publicados precisavam do aval da classe dominante, não sendo raros casos de censura ou de manipulação das informações consideradas perigosas para a opinião pública.

Longhi (2010) defende que a consolidação do jornalismo impresso, desde suas origens, está relacionada a ascensão da classe burguesa. Para a autora, a classe burguesa buscava consolidar seu poder e influenciar áreas de produção tanto econômica quanto cultural. Assim, eles não apenas detinham os meios de produção material como exerciam influência nos principais meios de difusão de informação e cultura: os jornais impressos.

Longhi (2010) descreve como ocorria a divulgação de alguns assuntos de interesse das classes dominantes:

Em sentido estrito, os primeiros jornais, por ironia também chamados de 'jornais políticos', aparecem de início semanalmente e, lá pela metade do

século XVII, já aparecem diariamente. As correspondências privadas de então continham noticiários amplo e minucioso sobre assembleias parlamentares e guerras, sobre resultados de colheitas, impostos, transportes de metais preciosos e, acima de tudo, naturalmente, notícias sobre o comércio internacional. Mas só um filete dessa torrente de informações passa pelos filtros desses jornais manuscritos até os referidos jornais impressos. Os beneficiários das correspondências privadas não tinham interesse em que o conteúdo delas se tornasse público. Por isso, os jornais políticos não existem para os comerciantes, mas, pelo contrário, os comerciantes é que existem para os jornais. Eram chamados de *'custodes novellarum'* (guardiões das novidades) entre os contemporâneos, exatamente por causa dessa dependência do noticiário público para com o seu intercâmbio privado de informações (HABERMAN, 1984 *apud* LONGHI, 2010, p. 34).

Como vemos, determinados assuntos de grande interesse das classes que detinham o poder, eram abordados de forma privada. Isso demonstra que a fundação do jornalismo impresso é marcada pela seleção de informações que chegam ao conhecimento da população.

Ainda no tocante à questão da seleção de informação ou da seleção dos conteúdos que vão a público no espaço social. A autora Cyrre (2010) discute sobre como a imprensa tem lidado com a informação nas últimas décadas, especificamente sobre como a mídia tem abordado e publicado assuntos relacionados à política.

Partindo de uma perspectiva marxista, bem como de uma perspectiva foucaltiana sobre os discursos e as relações de poder no contexto social, a autora argumenta que as mídias se consolidaram como instituições de grande credibilidade no âmbito social. Inicialmente através dos jornais e outras mídias impressas, e nas últimas décadas através das mídias digitais como os jornais online- serviços que disponibilizam jornais na internet ou em plataformas digitais.

Segundo Cyrre (2010) à medida que a comunicação e a informação passam a ter destaque no espaço social, elas passam a ser tratadas como instrumentos ou “moeda de troca” dentro do contexto da luta de classes, como exposto:

A atividade jornalística torna o jornal e a notícia uma mercadoria. Isso com base no conceito marxista de fetichismo da mercadoria, o qual afirma que está escondido em sua aparência sedutora as relações sociais de produção e o sofrimento dos próprios produtores dessa mercadoria (os trabalhadores e sua alienação no processo de produção) e que estes são fatores da essência da sociedade capitalista. Se relacionarmos o processo de apreensão do acontecimento político e sua transformação em acontecimento noticioso, perceberemos que na prática de produção da notícia também estão presentes esses fatores que determinam a notícia e o seu veículo como uma mercadoria (CYRRE, 2010, p.36).

Como visto acima, a autora defende que o jornalismo e seu produto, os jornais, são tratados como mercadoria dentro do contexto de lutas de classe. Nesse contexto, os jornais não são apenas meio de comunicação ou de transmissão de informação, mas são usados como mercadoria. Nesse sentido a notícia é “refinada” “negociada”, “vendida” para atender a uma finalidade.

Em vista de sua credibilidade e representatividade no espaço social, os jornais esforçam-se para construir uma imagem irrepreensível mediante o público. Dessa forma, os jornais precisam convencer o público leitor sobre sua ética, sobre sua imparcialidade no tratamento das notícias

A mídia impressa de modo geral busca passar para seus leitores uma imagem de racionalidade, de objetividade e de compromisso com a verdade. Mas essa imagem é obtida com o tratamento que é dado à notícia. Esse tratamento inicia-se na seleção do que será noticiado. Arnt (2006) ressalta que a seleção das notícias sempre foi considerada um aspecto negativo da imprensa pelos críticos – o jornal sendo acusado de decidir aleatoriamente o que é noticiável, de parcialidade na escolha dos acontecimentos e da unilateralidade nas versões (CYRRE, 2010, p. 37).

Dessa forma, os jornais investem em discursos que visam construir uma imagem na qual sua principal função é informar, por meio desses discursos ele defendem sua imparcialidade e profissionalismo. Entretanto, para Cyrre (2010) a mídia, seja ela impressa ou online, também faz parte das relações de poder na sociedade, atuando ora a favor de seus interesses próprios e ora a favor da classe social dominante.

Sobre isso, a autora ressalta que: “em nossa sociedade, existe um grupo de indivíduos que se apodera dos discursos com a finalidade de retê-los, usá-los, redistribuí-los” (CYRRE, 2010, p. 34). No tocante a atuação da mídia agindo em prol dos interesses de grupos que detém maior poder e influência dentro de uma sociedade, destacamos os estudos de Longhi (2010) e suas discussões sobre o papel da mídia impressas durante o período do Regime Militar no Brasil, de 1964 a 1985.

Longhi (2010) argumenta que muitos jornais brasileiros, inicialmente, demonstravam interesse em apoiar o novo regime que ora se instaurava. Alguns jornais visando sua manutenção, por meio de alianças com a principal classe dominante, os militares, outros visando obter mais força e influência através da troca de favores. A autora argumenta que nos primeiros anos do Regime Militar, é possível identificar em diferentes jornais impressos discursos, numa perspectiva foucaultiana, enaltecendo o Regime e seus efeitos positivos para a economia, para a segurança

pública e outros setores sociais. Ainda de acordo com Longhi (2010), à medida que os militares ganhavam poder, suas ações tornavam-se mais radicais e autoritárias, por meio da censura de notícias, fechamento de jornais, cassação, perseguição, prisão, tortura e até execução de jornalistas. A ameaça frente a força dos jornais e a “liberdade de imprensa” fez com que muitos deles rompessem com o Regime, como ilustrado:

Assim, no momento em que os militares demonstraram sua intenção de se perpetuar no poder, radicalizaram a dimensão autoritária de sua prática, desrespeitando o processo legal que eles próprios instauraram. Interferiu-se, pois, diretamente na produção da informação jornalística, através da prática da censura e nas liberdades individuais dos setores sociais dos quais estes mesmos jornalistas faziam parte. Além disso, ao impor uma legislação persecutória, gerando cassações políticas, demissões impositivas e o controle dos direitos de ir e vir, associações, radicalizados com a prática da tortura, criaram uma clara fissura. Neste momento, alguns jornais expõem suas diferenças com o regime (LONGHI, 2010, p.41).

Dessa forma, vemos que os jornais não atuam apenas como meio de informação, ou como meio de transmissão de conteúdos e informações. Do contrário, as mídias, em específico os jornais impressos atuaram e atuam de acordo com seus interesses, isto é, fazem parte da complexa rede das relações de poder que permeiam o espaço social.

4.1 Jornais impressos no Maranhão

Segundo Araújo (2014), o jornalismo maranhense na primeira metade do século XIX caracterizava-se pela subordinação aos interesses da coroa portuguesa, já na segunda metade desse século, começa a expressar nos jornais os interesses políticos das elites maranhenses que exerciam influência nesse meio de comunicação.

Ainda conforme o autor, na segunda metade do século XIX, o jornalismo maranhense passa por uma sofisticação, tanto na qualidade tipográfica dos impressos, quanto na redação dos textos, os discursos políticos muitas vezes esdrúxulos e inflamados dão lugar a discursos mais cultos e bem elaborados, os jornais dão mais destaque a assuntos como o comércio e os negócios da Província, além de começarem a inserir textos literários.

Encontramos em Pinheiro (2007, p. 49) um levantamento quantitativo dos jornais impressos fundados no Maranhão entre os séculos XVIII e XIX

Entre 1821 e 1979, o norte registrou 397 impressos, tendo São Luís concentrado quase a totalidade, com 355 títulos, e as demais localidades, 42 periódicos [...] A capital maranhense, no decorrer dos séculos XIX e XX, continuará a manter a liderança quanto ao número de jornais, acontecimento que nos sinaliza o quanto a penetração dessa atividade tipográfica foi lenta e concentrada na sede administrativa do governo.

A autora segue elencando os motivos que dificultavam a chegada da imprensa nos interiores da Província, motivos como: auto índice de analfabetismo das populações de classe baixa, a falta de investimento na infraestrutura de estradas e pontes que dificultava o transporte das máquinas tipográficas, a lenta urbanização das principais cidades no interior, escassez de redatores e de mão-de-obra especializada para o ofício.

Apesar dessa situação, paulatinamente, foram nascendo alguns periódicos nas cidades de pequeno e médio porte do Estado, dentre as quais destacamos:

QUADRO 1- Periódicos nas cidades de pequeno e médio porte do Estado

MUNICÍPIO	TÍTULO	ANO DA FUNDAÇÃO
Alcântara	<i>Alcantariense</i>	1906
Cururupu	<i>O Litoral</i>	1917
Grajaú	<i>O Telescópio</i>	1917
Coroatá	<i>O Coroatá</i>	1919
Pedreiras	<i>A Ordem</i>	1920
Pinheiro	<i>Cidade de Pinheiro</i>	1921
São Vicente Ferrer	<i>O Cruzeiro</i>	1928

FONTE: PINHEIRO, 2007, p. 48

Não encontramos pesquisas detalhadas sobre os conteúdos desses periódicos, contudo, especulamos que seguissem os modelos dos jornais de grande circulação na Província e tratassem de assuntos relacionados a política, a economia, a literatura, acontecimentos locais e internacionais além do diferencial de imprimir em suas páginas acontecimentos das suas respectivas cidades.

Já no século XX, Pinto (2008, p. 3) destaca o surgimento de outros jornais de notável circulação na capital e no interior do estado como: “[...] O Combate, Jornal do Povo, A Pacotilha, O Imparcial, Diário da Manhã, Correio do Nordeste e Jornal Pequeno”.

A autora afirma que nas primeiras décadas do século XX, já se pode perceber uma tentativa de reforma nos editoriais relacionadas a variedade de notícias, bem

como relacionada ao formato de textos, produzidos com mais criticidade e menos tendenciosos que disputavam espaço com outros jornais que declaradamente serviam para propósitos político-partidários como: Jornal do Povo, de Neiva Moreira, o Tribuna do Povo, coordenado por Maria Aragão e o Jornal de Bolso, fundado por José Sarney, provenientes da década de 1950 (PINTO, 2008).

Ainda no século XX, mais especificamente na década de 30 chega no Maranhão os primeiros exemplares de impressos com fotos. O Imparcial é pioneiro no uso dessa técnica no Maranhão que gradualmente começou a ser reproduzidos por outros periódicos.

Atualmente o Maranhão assim como os demais estados da União usufruem de diferentes mídias impressas e digitais na divulgação de notícias, temos jornais fundados e dirigidos por empresas de telecomunicação local e outras vinculadas a empresas de atuação nacional.

Atualmente, onze jornais diários disputam o mercado de impressos em São Luís: AquiMA, O Imparcial, O Estado do Maranhão, Jornal Pequeno, Tribuna do Nordeste, Jornal Extra, Atos e Fatos, 4º Poder, O Debate, A Tarde e Correio de Notícias. O mais antigo em circulação é O Imparcial, fundado em 1926, e o mais novo é o Aqui-Ma, lançado em 2008 [...] (CONCEIÇÃO, 2012, p.19).

Essa brevíssima retrospectiva da instauração do jornalismo impresso no Brasil e especificamente no Maranhão permite entendermos que em suas origens o jornalismo impresso do nosso estado esteve atrelado aos interesses da elite que dispunha dos recursos para financiamento e produção destes jornais.

A princípio, o jornalismo defendia a permanência do colonialismo português, à medida que as classes abastadas foram crescendo na então Província, o desejo por maior espaço no mercado econômico também aumentou, o que levou as elites maranhenses a reivindicarem a emancipação do país, a fim de obter maior controle e lucros do mercado produtor.

Como visto, no Maranhão havia dois principais grupos políticos os apoiadores do liberalismo e os seguidores do conservadorismo, ambos os grupos dominavam a imprensa do século XIX, os liberais em jornais como A Coalisão, enquanto os conservadores apoiavam-se no jornal A situação, havia ainda O Paiz que avalizava ambos os grupos (ARAÚJO, 2014).

Assim, o nascimento da imprensa maranhense estava, e certamente ainda está ligada aos interesses de grupos políticos da elite. Outra questão que chama atenção,

é o grande número de analfabetismo que perdurou em nosso estado durante muito tempo, o que fazia com que as massas populares não tivessem acesso direto às informações nos jornais tornando-os facilmente manipulados pelas classes ricas.

Apesar de hoje termos um considerável número de alfabetizados, percebemos que ainda é perceptível muitos leitores sem criticidade sobre os conteúdos que consomem, sejam pela falta de informação ou pelo posicionamento político adotado, o que contribuiu e contribui para a fomentação de uma cultura de consumo passivo, ou seja sem criticidade das informações vinculadas.

4.2 Jornal cidade de Pinheiro: fundação, discursos e perspectivas

O jornal “Cidade de Pinheiro”, foi fundado no dia 25 de dezembro de 1921, nesta cidade que leva o mesmo nome do Jornal, localizada no interior do Maranhão, e contou com a determinação de três pessoas que se fizeram importantes na realização desse sonho: a confecção de um periódico que pudesse relatar os acontecimentos desta comunidade que tanto se ressentia de informações necessárias e sobre os acontecimentos do dia a dia na vida das pessoas.

No auge do crescimento e desenvolvimento que ora se instalava na cidade de Pinheiro, tornava-se cada vez mais crucial a divulgação dos fatos corriqueiros da cidade, assim como da capital do estado e do nosso país, conseqüentemente, tornava-se um fator preponderante a criação do determinado meio de comunicação tão importante para a divulgação dos fatos. Segundo Gomes (2004, p.16)

A ideia da fundação de um jornal em uma localidade que de vila foi elevada à categoria de cidade, nasceu de uma palestra entre o Dr. Elizabetho Carvalho e Clodoaldo Cardoso, na residência do atual Diretor do Jornal (Francisco José de Castro Gomes, localizada na Praça da República, hoje Praça José Sarney).

A criação do Jornal ocorreu primeiramente através do desembargador Dr. Elizabetho Barbosa de Carvalho, que era na época juiz de Direito da Comarca de Pinheiro, tendo em seguida a colaboração do poeta Clodoaldo Cardoso e o Promotor Público Brasileiro Barroca.

A partir desse momento começou a amadurecer o sonho de ter um veículo de informação no dia a dia dos pinheirenses. Para isso, os fundadores do jornal tiveram de empreender um verdadeiro sacrifício, no intuito de arrecadar recursos para aquisição de materiais necessários para tamanho empreendimento.

Dessa forma, os três principais organizadores do Jornal decidiram buscar assinantes de forma a arrecadar os primeiros insumos financeiros para levantar o Jornal. Inicialmente eles conseguiram um total de 32 assinantes, pelo qual conseguiram arrecadar o valor de trezentos e vinte mil réis, valores da época.

Estes recursos seriam usados para aquisição dos materiais necessários para a montagem de uma gráfica onde seria confeccionado o tão sonhado Jornal. Ainda sobre isso, Gomes (2004, p. 16-17), afirma que:

Instalada a oficina, o poeta Gromwell, fez dela uma escola de tipógrafos, preparando vários, que deram bons frutos, passando o ofício a outros aprendizes que até hoje são os responsáveis pela composição, paginação e impressão desse semanário [...] Onde o periódico era em tamanho tablóide. A confecção do Jornal “Cidade de Pinheiro” todo trabalho era feito manualmente. A composição: o tipógrafo “cata” letra por letra de tipos de chumbo, retiradas das caixas próprias; o operário tem que decorar letra por letra e os sinais, podendo fazer até de olhos vendados. A paginação é feita em uma mesa um pouco inclinada, depois levada a uma mesa metálica ou de cimento, depois transportada e colocada na máquina impressora. O sistema de impressão ocupa três pessoas: o impressor, o rolator e um para puxar o jornal. Foi no ano de 1935, que o Des. Elizabethe adquiriu em leilão público, na capital do estado uma já usada impressora marca Marinone fabricada em Paris, hoje centenária, que continuava imprimir em tamanho maior, a “Toalha alvíssima da civilização” de que fala José de Alencar [...].

Além das dificuldades financeiras iniciais, os fundadores do Jornal também enfrentaram muitos desafios na aquisição dos materiais necessários para a realização do Jornal. Esses desafios se caracterizavam, devido às circunstâncias da época, como a escassez nos transportes para a capital do estado, que demoravam semanas para fazer o percurso de ida e vinda em viagens de barco a vela, em busca dos materiais necessários para a formação de uma gráfica, como tipos feitos de chumbo e demais acessórios, os quais não eram fáceis de encontrar.

Chegando na capital, se iniciava uma verdadeira peregrinação em busca desses materiais já citados. Apesar de todos os desafios, os fundadores se mantiveram empolgados e fieis ao projeto, e sempre que possível reiteravam sua promessa de ver realizada o Jornal da pequena cidade de Pinheiro. A perseverança dos fundadores frente as adversidades e a incredulidade de alguns pinheirenses rendeu ao Jornal o apelido de teimosão.

Era natural que houvesse um certo descrédito por parte de alguns pinheirenses acerca da viabilidade desse Jornal, afinal, Pinheiro era uma cidade pequena, os jornais que circulavam na época vinham da capital, por meio de algumas pessoas que

possuíam assinatura. Desse modo, embora algo almejado por boa parte da população parecia um projeto distante de se cumprir.

Enquanto isso, a maioria dos pinheirenses desejosos pela publicação do referido semanário, se acotovelavam na esperança de verem a circulação do tão acontecesse, todo o material deveria ser comprado na capital do Estado, em São Luís, como já foi falado. Em decorrência disso, aguçava a expectativa de uma grande maioria dos moradores e se tornava o assunto badalado nas esquinas da pequena cidade de Pinheiro.

Outro agravante, seria os custos, pois os responsáveis pelo projeto sabiam como manter algo que acabara de ser inaugurado e os prejuízos que possivelmente poderiam surgir. Antes de se instalar onde ficaria definitivamente, a gráfica do Jornal, esteve em muitos endereços, como ressalta Gomes (2004, p.18) “[...] o primeiro, localizado na Praça da República, hoje Praça Sarney, pertencente aos herdeiros do Senhor Fradique de Almeida Gonçalves de onde saiu a primeira edição, atualmente, o prédio pertence ao patrimônio municipal.”

Mais tarde, a oficina do jornal se estabeleceu na Avenida Getúlio Vargas, 623. Comprada com recursos próprios, onde antes funcionava uma antiga escola, que tinha como professor Antônio Lima. A sua estrutura antiga era feita de taipa, coberta de palha e que pouco a pouco foram sofrendo as mudanças necessárias para se tornar a sede do mais antigo semanário do Maranhão. Como destaca VIVEIROS (2007, p. 120):

[...] e saía o seu primeiro número em 25 de dezembro de 1921. Era então hebdomadário, edição de 6 ou 8 páginas, tamanho 32 cm por 20 e trazia este expediente: Redatores: Elisabeto Barbosa de Carvalho, Clodoaldo Cardoso e Brasileiro Adônico de Castro Barroca. Chefe das Oficinas: Manoel George Gromwell.

Assinaturas: Ano.....	10\$000
Semestre.....	4\$000
Número avulso.....	\$200
Número atrasado.....	\$500
Anúncios: Mediante contratos.	

E como relata o texto acima, começava a circular a primeira edição do periódico impresso pinheirense, levando às pessoas, informações necessárias, sobre os acontecimentos no Maranhão, no Brasil e em parte, algumas notícias internacionais.

Os órgãos de comunicação, naquela época, eram bastante limitados e os impressos do Jornal Cidade de Pinheiro, contemplavam aspectos daquilo que acontecia em uma comunidade que ficava distante de boa parte das notícias nacionais

e regionais. Notadamente, o Jornal se tornara a única fonte de informação mais próxima daquela sociedade que aguardavam ansiosas pelas suas publicações. Sobre isso, ressalta Gomes (2004, p.17):

O Jornal Cidade de Pinheiro influenciou muito no desenvolvimento intelectual e cultural da população que se acostumou a ler e a desenvolver o hábito da leitura. O referido jornal trazia uma grande expectativa para o povo com as edições semanais, porque naquela época os veículos de comunicação de maior abrangência não chegavam até os leitores. O povo ficava nas portas aos domingos, à espera do jornal para poder desfrutar das boas notícias que eram veiculadas [...] com esse veículo de comunicação, o povo se integrava na comunidade e participava dos acontecimentos sociais.

A contribuição do jornal, foi de imensa importância para uma parte da comunidade, que sedenta, esperava as notícias impressas e ao mesmo tempo um divisor de águas, na propagação da leitura. Dessa maneira, desenvolvia uma colaboração enriquecedora para a educação, mesmo com o problema do analfabetismo, e que não deixava de ser um impasse.

Ainda sobre a importância do jornal para os pinheirenses, além de proporcionar aos seus leitores a riqueza do conhecimento, em seu primeiro e histórico artigo, o jornal vem demonstrar a sua intenção diante da responsabilidade que agora se estampava em suas páginas, como se refere Viveiros (2007, pgs.120-121):

PRÓ-MUNICÍPIO. É o nosso programa. Representam para nós, essas duas palavras, um evangelho. Na estreiteza de tão poucas sílabas, descortina-se um vasto campo de trabalho, em que nos empenharemos com aquele mesmo entusiasmo e ardor dos que, na prelibação dos bons frutos, se entregam às grandes lutas. [...] Não recusaremos, porém, os nossos aplausos aos grandes gestos ou grandes feitos, dignos desse nome, como também não abafaremos, com o silêncio, os gritos dos oprimidos. Como vê o leitor, é um jornal independente, e, de outro modo, não poderia ir ao termo da missão a que se destina.

Como vemos, os fundadores do jornal queriam demonstrar ao público sua intenção em produzir um jornal impresso que contribuísse diretamente com o crescimento da cidade, para eles, a publicação dos impressos demonstrava que Pinheiro estava caminhando para ser uma cidade de pessoas letradas, e informadas, isto é, cidadãos reflexo de uma cidade desenvolvida.

Ainda segundo a citação acima, os editores estabelecem um compromisso com a imparcialidade e a veracidade dos fatos informados “não abafaremos os gritos dos oprimidos”, nessa passagem vemos os editores tomando um posicionamento democrático na qual mesmo os mais humildes terão “direito a voz” no Jornal da cidade.

É interessante notar o compromisso que os fundadores do jornal tiveram com a questão da imparcialidade dos fatos, segundo eles. Como visto nos capítulos anteriores os jornais impressos no imaginário social conquistaram grande credibilidade mediante seu compromisso com os fatos.

Diante disso, era mister que esse jornal, mesmo produzido em uma cidade pequena, para um público até então pequeno conseguisse passar uma imagem de jornal independente, que não estava subordinada aos interesses da elite nem as vicissitudes de um algum grupo político.

O Jornal tinha como destaque, além dos artigos que eram escritos, propagandas dos armazéns já existentes que vendiam praticamente de tudo, também havia registros de nascimentos, batizados, ofícios fúnebres, viagens ou chegada de pinheirenses ilustres que se destacavam na sociedade daquela época, os bailes e festas que se realizavam.

Além disso, eram mencionadas também as atividades religiosas, os trabalhos realizados pela administração pública, as ocorrências policiais e por fim, as atividades políticas dos grupos da época que disputavam os cargos tão almejados, nos poderes aqui constituídos, no legislativo e no executivo. E assim pouco a pouco o jornal ia sendo inserido no cotidiano da vida dos pinheirenses.

Em verdade, o Jornal Cidade de Pinheiro, durante algum tempo chegou ao seu ápice, conseguia obter lucros que viabilizavam seu funcionamento, conquistou prestígio entre os pinheirenses e despertou o interesse em leitores de outras cidades com assinantes inclusive de outros estados.

Com efeito, o Jornal Cidade de Pinheiro, por meio dos serviços prestados à população pinheirense, bem como, em vista dos esforços de seus fundadores e de seus editores que se empenhavam em informar a população sobre os diferentes acontecimentos, da cidade, do estado e do país, conseguiu alcançar por mérito seu sucesso almejado.

No entanto, com o passar dos anos, com o surgimento de outras fontes de informações e também em decorrência das mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias e o alto custo para manter um jornal de grande envergadura como o do porte do Cidade de Pinheiro, os proprietários se viram forçados a tomarem decisões difíceis, como a venda do prédio onde funcionava o semanário para uma empresa privada.

Por conseguinte, grande parte do material que fazia parte da gráfica ficou parado e aos poucos foi sendo consumido pelo tempo. Assim, o Jornal Cidade de Pinheiro teve seus impressos interrompidos. Apesar de ainda fulgurar com muito orgulho na memória de alguns pinheirenses.

Atualmente, o Jornal Cidade de Pinheiro funciona com grandes dificuldades em uma residência no bairro do São Francisco em São Luís, capital do estado, a reportagens são selecionadas e organizadas por meio de computadores e impresso em máquinas offset, atendendo apenas alguns assinantes.

5 INSTAURAÇÃO DO REGIME MILITAR NO BRASIL (1964)

Historiadores e pesquisadores como Resende (2013) destacam que a Instauração do Regime Militar no Brasil, em 31 de março de 1964, foi proveniente de vários fatores- políticos, econômicos, históricos, ideológicos sociais, além de fatores externos como a questão das relações conflituosas entre os Estados Unidos e Brasil decorrentes sobretudo do Governo de João Goulart, bem como, em vista da propaganda anticomunista difundida pelos Estados Unidos e reproduzida por vários países, entre eles o Brasil (RESENDE, 2013).

Dessa forma, neste capítulo abordaremos brevemente alguns aspectos do Governo de Jânio Quadros e de João Goulart, os dois últimos presidentes eleitos no Brasil, antes da chegada do Regime Militar, assim como abordaremos a propaganda anticomunista amplamente reproduzida em nosso país e que contribuiu para a consolidação do Regime Militar.

As discussões realizadas neste capítulo são provenientes dos estudos da pesquisadora Maria Resende (2013) e do jornalista Elio Gaspari (2002) acerca desse polêmico e emblemático período para narrar a História política do Brasil: A ditadura Militar. No qual os pesquisadores trazem importantes informações sobre o modo como o Comunismo era enxergado e difundido no Brasil.

De acordo com Resende (2013), após a Segunda Mundial países Como os Estados Unidos e a União Soviética, atual Rússia destacaram-se mediante seus esforços para suprimir a tríplice entente e pôr fim à guerra. Encerrados os conflitos da grande segunda guerra, iniciam-se os conflitos para alcançar hegemonia econômica e política e assim, intensificam-se os conflitos políticos entre esses dois países.

Além dos conflitos políticos, Resende (2013) destaca outro fator, o crescimento do Comunismo que se expandiu geograficamente e politicamente ao redor do mundo, com um crescente número de adeptos e simpatizantes em vários países.

Ainda segundo a autora, o crescimento do Comunismo representava, na perspectiva do governo dos Estados Unidos, a ampliação da influência soviética, o que representava uma ameaça para a hegemonia política e econômica dos Estados Unidos.

Assim, é difundido por meio de diferentes mídias- rádio, tv, jornais impressos etc. discursos que visam desacreditar os princípios comunistas, baseados na

caracterização do Comunismo como um conjunto de princípios políticos e filosóficos nocivos para os governos democráticos.

A propaganda ideológica anticomunista, buscou caracterizar os países considerados comunistas como países de caráter ditatorial, violentos, subdesenvolvidos, nos quais a população tem pouco espaço e direitos, são desprovidos de alguns serviços essenciais, são impedidos de exercer a fé cristã, de sair do país entre outras características negativas.

A campanha anticomunista espalhou-se para outros países, entre eles o Brasil, tendo entre seus principais aliados as classes com maior poder e influência no Brasil- os militares, a maioria dos partidos políticos e civis integrantes das classes A e B, alinhados com os interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos.

Gaspari (2002) traz alguns detalhes sobre as articulações dos militares nos anos que antecederam a instauração do Regime. Em seus estudos, ele destaca a participação de figuras históricas como Ernesto Beckmann Geisel, o 4º presidente do regime militar no Brasil e de seu fiel escudeiro Golbery, o qual exercia a função de Chefe do Gabinete Civil.

Era uma amizade a serviço, pois começava e terminava no Planalto. Ambos foram personagens significativos, tanto para início, como para o fim do regime. Entretanto, é necessária uma certa cautela para tal entendimento, que por vezes é contraditório já que ambos foram defensores da inserção do regime em 1964. É essa história que pretendemos analisar, já que medidas tomadas lá são sentidas ainda hoje, “eles fizeram a ditadura e acabaram com ela” (GASPARI, 2002, p. 56).

Golbery ganhou notoriedade nacional em 1964. Foi um dos principais articuladores da conspiração contra João Goulart, transformando-se numa espécie de ideólogo da nova ordem. Desde 1974 era o principal colaborador de Geisel no processo de abertura política. Desde quando foi representante do Ministério da Guerra no conselho nacional do petróleo, Geisel batalhava contra um novo inimigo: o Império Russo, ele o enxergava como instrumento de expansão política e principal disseminador do comunismo pelo mundo.

O pós-guerra foi um daqueles períodos da história humana em que tendo acontecido tanta coisa, tudo podia acontecer. O comunismo ganhava força, sua ameaça era sentida por todas as potências da época, pois ele avançava geográfica, política e intelectualmente.

No entendimento de Geisel, os partidos comunistas europeus saíram da guerra como potências políticas. O objetivo supremo da política comunista e, portanto, soviética era a conquista do mundo. As bandeiras vermelhas tremulavam num espaço geográfico duas vezes maior que aquele anterior à guerra e perto da metade da população do mundo estava sob o governo das “ditaduras do proletariado” (GASPARI, 2003).

A expansão do comunismo projetava-se também no meio intelectual da esquerda. No Brasil, por exemplo, o Partido Comunista adquire excepcional proeminência intelectual. Tinha os melhores autógrafos da cultura nacional, tais como: romancistas, poetas, pintores e compositores.

Geisel, era um intelectual daqueles que acreditava que para combater é necessário também conhecer, e ele o fazia sem igual: estudara por muito tempo o marxismo. Copiou em 26 páginas de caderno as principais passagens do manual de “Materialismo dialético da academia de Ciências da URSS”, bíblia dos comunistas de todo o mundo. Como ressaltado a seguir:

Com sua caligrafia impecável, anotava: Materialismo histórico é a ciência das leis que regem o desenvolvimento da sociedade, ou “A contradição fundamental do capitalismo é a contradição entre caráter social da produção e a forma privada, capitalista, da apropriação” (GASPARI, 2003, p. 63).

No tocante ao contexto político e econômico antes do golpe, o Brasil seguia a Política Externa Independente criada por Jânio Quadros e seguida por João Goulart, no entanto, causava muitos problemas aos interesses estadunidenses, já que a mesma defendia a preservação da paz, por meio do fortalecimento dos princípios de não-intervenção e autodenominação dos povos, buscava a ampliação das relações comerciais com todos os países, inclusive os socialistas; apoiava a emancipação dos territórios não-autônomos, fosse qual fosse a relação com a metrópole.

Os princípios seguidos na Política Econômica Interna (PEI) fizeram a mais avançada e a mais progressista política de toda a história do país. Tal política, sofreu duras críticas do seu próprio partido, a União Democrática Nacional (UDN). Buscou-se então o regresso às normas do Itamaraty, para a política externa deixar de ser instrumento de decisões alheias; exigia-se cuidado com o avanço do comunismo, sendo os udenistas contrários a uma aproximação com a África e o leste europeu e favoráveis a uma intervenção militar em cuba. Percebe-se que as autoridades políticas nesse momento buscavam um retorno ao alinhamento com os Estados Unidos.

Nas palavras de Jango, a forte tensão econômica, política e social levava o país a um declínio financeiro, “o processo inflacionário que estamos submetidos afundará o país”. Portanto, assinou dois decretos, um desapropriava terras ociosas das margens das rodovias federais. Outro encapava as refinarias particulares de petróleo nessas ações estão explícitas as reformas das quais o Brasil precisava e Goulart defendia:

Era um governo em crise, com a bandeira das reformas hasteada no mastro da intimidação, os investimentos estrangeiros tinham caído à metade. A inflação foi de 50% em 1962 para 75% no ano seguinte. Os primeiros meses de 1964 projetavam uma taxa anual de 140% a maior do século. As greves duplicaram de 154 em 1962, para 302 em 63. O governo gastava demais e arrecadava de menos. Em um país que a tradição dava aos ministros da fazenda uma média de vinte meses de permanência no cargo, Goulart dera pouco mais de seis meses (GASPARI, 2003, p. 48).

O conservadorismo e a guinada radical com influências do partido comunista dividiram o país, o congresso nacional com maioria conservadora, estava disposto a bloquear os projetos de reforma e a cozinhar o surto esquerdista até o ano seguinte.

Ao não se importar com o choque que havia criado no congresso, Goulart alimentava a ideia de que pretendia atropelar a sucessão, como fez Vargas em 1937. “Havia dois golpes em Marcha, o de Jango vinha amparado no “dispositivo militar” e nas bases sindicais que cairiam sobre o congresso, obrigando-os a aprovar um pacote de reformas” (GASPARI, 2002, p.51). E dos militares conspiradores dispostos a defender o país da ameaça vermelha, para tanto, sugeriram eliminar os elementos de tendência comunista dos diversos setores da administração.

Em meio a esse contexto de incertezas e instabilidade política e econômica é deposto o presidente João Goulart, em 31 de março de 1964. Os militares assumem o governo dando início ao regime ditatorial no Brasil. A ditadura perdurou por 21 anos de 1964-1985. Viveu-se um momento marcado pelo autoritarismo, característica peculiar dos militares, pela censura à imprensa, pela restrição a direitos políticos e perseguição aos opositores do regime.

Um dos prováveis ideais do regime seria evitar os avanços das organizações populares do governo de Jango, esse tido por muitos como um dos conspiradores para inserção do comunismo no Brasil. Com a instabilidade governamental na falta do presidente, foi criada uma junta militar para assumir o controle do país.

Os militares se organizaram e já no dia 9 de abril foi decretado o primeiro de muitos Atos institucionais que destruiriam direitos já garantidos e a própria liberdade

democrática: O Ato Institucional nº 1, esse por sua vez dava plenos poderes ao congresso para eleger o novo presidente, este ato foi o marco apenas do início das interferências na vida política, econômica e social brasileira. Logo em seguida ao golpe, o modelo político adotado pelos militares, objetivava fortalecer o poder executivo. Essa série de medidas gerou um total de 17 atos institucionais e cerca de dez mil leis que foram impostas à sociedade em uma tentativa de legalizar e gerar certa ordem.

Com o Ato institucional nº 2, os antigos partidos políticos foram fechados e adotou-se o bipartidarismo. Dessa forma, surgiu a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) que apoiava o governo; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), representado pelos opositores, mas com muitos limites de atuação. Nesse período houve também a criação do Serviço Nacional de informação (SNI) que dificultou a resistência ao regime, foi chefiado por Golbery. Para lidar com a oposição que vinha aos poucos se movimentando.

Assim, o general Costa e Silva decretou em dezembro de 1968 o ato institucional nº 5. O qual suspendia as atividades do congresso e autorizava a perseguição de opositores, considerado o mais duro de todos os Atos Institucionais perduraram até dezembro de 1978 e regeu uma série de situações arbitrárias de efeitos duradouros. Tornou-se o momento mais duro do regime, dando poder de ação aos governantes para punir com todo vigor os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

Nesse sentido, é perceptível que o medo da ameaça comunista pelo ocidente serviu como um dos pilares para propagar e intensificar a necessidade do regime, o golpe teve apoio do embaixador americano, que imediatamente aos rumores de uma conspiração acionou o presidente americano. O embaixador dissera a Kenedy que a hipótese de um golpe militar estava no baralho. Segue o diálogo:

[Gordon] – Creio que uma de nossas tarefas mais importante consiste em fortalecer a espinha militar. É preciso deixar claro, porém com discriminação, que não somos necessariamente hostis a qualquer tipo de ação militar, contanto que fique claro o motivo. - Contra a esquerda- cortou Kennedy. -Ele está entregando o país aos...-Comunistas- completou o presidente. - Exatamente. Há vários indícios de que Goulart, contra a sua vontade ou não (GASPARI, 2003, p. 60).

A partir dessas condições os Estados Unidos começaram a se organizar frente ao que deveria se tornar uma aliança não um problema, a notícia do levante espalhava-se aos cacos, o exército seria a única coisa que restaria. Nesse momento

o presidente americano, abandonou a política de hostilidade e estava pronto a reconhecer os grupos militares no poder.

No entendimento de Gaspari, Golbery enxergava a ditadura e o terrorismo de Estado como originados da anarquia militar, difere dele a Escola Superior de Guerra, nada de anarquia e tudo de planejamento. Geisel, na análise de Gaspari, foi um militar autoritário na caserna, para mais tarde torna-se um presidente ditador na república. Disseminou a imagem de um soldado não envolvido com a política, mas, no entanto, estava nos bastidores de muitos momentos e se usou deles para se tornar presidente, mostrava-se ser desenvolvimentista, sem quebrar os laços de dependência com o capitalismo internacional.

Dessa forma, compreende-se que Geisel e Golbery trabalhavam nos bastidores do poder, acolhendo prestimosamente os negócios do capital estrangeiro. Arquitetaram a criação de um partido político, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) para apoiar a ditadura.

Uma nova Política foi o nome dado à abertura que levou a uma série de ações que tinha por objetivo desenvolver uma transição lenta, gradual e segura para a democracia nos últimos mandatos do regime militar no Brasil. O aumento da luta dos povos em várias partes do mundo contra as ditaduras; a pressão dos governos; as sucessivas crises econômicas; a perda constante e enfática de legitimidade foram alguns dos critérios que fizeram com que dez anos depois Geisel e Golbery voltassem ao poder com o intuito de destituir o regime.

Sobre os elementos que levaram ao fim do regime ditatorial no Brasil, afirma Gaspari (2002) que:

No dia 12 de outubro de 1977, com a demissão de Frola, dissolveu-se a mais perversa das anomalias introduzidas pela ditadura na vida política brasileira, restabelecendo-se a autoridade constitucional do presidente da República sobre as Forças Armadas. Encerrou-se o ciclo aberto em 1964, no qual a figura do chefe do governo se confundia com de representante da vontade militar, tornando-se ora seu delegado ora seu prisioneiro. A maioria dos instrumentos jurídicos do regime ditatorial sobreviveria ainda por alguns, mas a recuperação do poder republicano do presidente significou a disponibilidade do caminho da redemocratização (GASPARI, 2002, p.35).

Diferentemente do que se acreditava essa renovação na vida política brasileira, que acarretou na abertura democrática partiu não só de um presidente militar, mas do mais marcial dos generais que ocuparam a presidência. Geisel foi o responsável por

estabelecer o primado da presidência por meio de uma crise militar da qual manteve longe os políticos, a imprensa e a opinião pública.

É importante frisar que Geisel não fazia parte do grupo de presidentes que prometeram acabar com a ditadura, no entanto, foi ele quem o fez, como aponta Gaspari, “Geisel, converteu uma ditadura amorfa, sujeita a períodos de anarquia militar, num regime de poder pessoal, e quando consolidou esse poder- ao longo de um processo que culmina no dia 12 de outubro de 1977- desmantelou o regime” (GASPARI, 2002, p.35).

Portanto, o governo Geisel (1974-79). Na conjuntura econômica, embora sofrendo uma crise do petróleo, não seria ainda o momento de abandonar o nacional-estatismo. Já na política, existiriam afinidades com os propósitos do primeiro governo castelista, materializadas na perspectiva de restabelecer um estado de direito autoritário.

Trata-se de institucionalizar e ultrapassar o estado de exceção, o regime ditatorial vigente, ação tomada também em função da pressão internacional, ainda que no interior do bloco que sustentava a ditadura, forças conservadoras e sua expressão mais radical, os aparelhos de segurança, não viam com bons olhos a distensão e se prepararam para combatê-la. Com isso, nota-se que Geisel e Golbery desmontaram a ditadura, porque o regime militar, outorgando-se o monopólio da ordem, era uma grande bagunça.

Cabe também ressaltar as importantes discussões sobre esse período da História brasileira realizadas pelo Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, na obra: “Brasil: Nunca Mais, um Relato para a História”, no que relata com detalhes os horrores desse período, de 1964 a 1979. Um período sangrento da história do nosso país.

No livro, o autor narra com detalhes todas as atrocidades, torturas e castigos impostos pelos militares, como está destacado:

Reza o artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada pelo Brasil: Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.[...] A pesquisa revelou quase uma centena de modos diferente de tortura, mediante agressão física, pressão psicológica e utilização dos mais variados instrumentos, aplicados aos presos políticos brasileiros. A documentação processual recolhida revela com riqueza de detalhes essa ação criminosa exercida sob auspício do Estado (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p.34).

Como bem destacou Arns, eram diversos tipos de tortura entre elas: o pau-de-arara, o choque elétrico, a pimentinha, entre outras. Segundo o próprio autor, é

evidente que foram dias de muitas injustiças que ficaram marcadas na História do Brasil. No entanto todos esses relatos foram precisamente investigados, exatamente para que o povo brasileiro não esquecesse esses dias de terror empregado por um governo instituído as forças.

Conforme exposto, a instauração do Regime Militar, além de seguir os interesses de hegemonia política e econômica de potências como os Estados Unidos, serviu também aos interesses das classes dominantes em nosso país, sobretudo os militares.

Assim, o alto escalão militar aproveitando-se do momento de insatisfação da população com a situação política e econômica ascendeu ao poder através de uma medida antidemocrática, destituindo o presidente Jango e assumindo o poder, alegando ser algo necessário para proteger o país da suposta ameaça comunista e assim defender os interesses do país.

Para manterem-se no poder, os militares ao invés de eleições diretas, indicavam candidatos para exercer a presidência conforme seus êxitos na vida militar, assim tivemos um total de 5 residentes militares. Com o passar do tempo o Regime militar adotou uma postura mais radical para impor suas ideologias e interesses à nação, recorrendo a ações como a censura, fechamento de órgãos públicos, censura e fechamento jornais, além das estratégias de tortura e as execuções. Passados os anos de chumbo, a ditadura militar permanece sendo um dos episódios mais contraditórios de nossa História, sendo ainda hoje defendida e enaltecida por alguns e condenada por outros.

5.1 Apresentação e análise discursiva das reportagens no Jornal Cidade de Pinheiro sobre a instauração do Regime Militar no Brasil (1964).

A seguir apresentaremos as reportagens retiradas do Jornal Cidade de Pinheiro, do ano de 1964, que abordam a instauração do Regime Militar no Brasil, para então, analisarmos os discursos conforme conceituados pelo teórico Michel Foucault (1974), de modo a averiguar os sentidos impressos sobre a instauração do Regime.

As reportagens selecionadas foram digitalizadas e são expostas a seguir, como pode ser visto, os layouts dos jornais Cidade de Pinheiro são compostos por diferentes

reportagens, algumas abordam notícias locais, enquanto outras abordam notícias nacionais.

Não pretendemos abordar todas as reportagens encontradas nos layouts do jornal, mas selecionamos aquelas que tratam sobre o Regime Militar. Por conseguinte, escrevemos abaixo de cada layout digitalizado as reportagens, e em seguida realizamos as análises.

Como mencionado, realizaremos a análise das manchetes segundo os pressupostos teóricos de Michel Foucault acerca do discurso. Portanto, quando nos referirmos ao termo discurso, ao longo de nossas análises, estaremos nos referindo ao termo dentro da perspectiva foucaltiana de discurso, isto é, o discurso enquanto produção de sentido no espaço social, de acordo com as discussões do capítulo 3.

Fotografia 01: Manchete 01 – Com o Gal. Castelo Branco à presidência, voltou a paz a reinar no país. Manchete 02 – Estão os brasileiros tranquilos e satisfeitos



FONTE: APLAC

ANÁLISE DISCURSIVA:

A primeira manchete informa que o General Castelo Branco assumia a presidência do Brasil. Ele entra para história como o primeiro presidente do período militar. Nesse período, a indicação dos militares para assumir a presidência do país ocorria por meio da indicação da alta cúpula dos militares no poder (RESENDE, 2013).

Os indicados eram selecionados de acordo com sua trajetória e êxitos durante a vida militar, além disso, eram selecionados os militares que demonstravam maior alinhamento com os interesses do alto escalão (RESENDE, 2013).

A manchete traz de forma curta e contundente o sentido de que o país volta a ter paz. Nesse discurso está implícito que antes da tomada do poder pelos militares, o país passava por um momento de instabilidade política que causava tensão na população.

Esse suposto clima de instabilidade e insatisfação são discutidos por diferentes pesquisadores como Resende (2013). Para a autora, os anos de 1950 e início de 1960 no Brasil de fato foram marcados por conflitos como aqueles acontecidos nas zonas rurais, entre trabalhadores e os grandes proprietários de terra no Brasil. Além disso, existia a crescente inflação que prejudicava a economia brasileira.

Apesar disso, Resende (2013) defende ser necessário ter ponderação em relação à justificativa de que essas tensões pelo qual o país passava justificaria a tomada de poder pelos militares. Para a autora, essa seria “a desculpa” usada pelos militares e pelos apoiadores desse novo regime para de certa forma legitimar a instauração do Regime Militar.

Para Resende (2013), o fracasso do então presidente Jânio Quadros em recuperar a economia, bem como sua relação conturbada com partidos políticos, aliados e de oposição, o isolaram politicamente, o que causou um período de tensão entre ele e o Congresso.

Além disso, a tentativa de reatar as alianças políticas com a União Soviética, fez com que Jânio Quadros fosse visto por alguns políticos e por boa parte da população como um simpatizante do “terrível comunismo”.

Em meio a essa situação, ele toma uma decisão considerada drástica, renuncia à presidência. Resende (2013) destaca que até hoje não está bem claro os motivos que levaram Jânio a renunciar. Contudo, o mais aceito entre os historiadores é que Jânio tentou empreender um golpe mal arquitetado, no qual ele renunciaria à presidência para ocasionar uma comoção nacional, e conseqüentemente, os militares, o Congresso e a população exigiriam o seu retorno à presidência com poderes excepcionais, isto é, sem depender do Congresso. Contudo não foi isso que ocorreu.

Após sua renúncia, conforme estabelecido pela constituição da época, seu vice, João Goulart, popularmente conhecido como Jango, assumiu a presidência. Resende (2013) ressalta que muitos senadores e deputados estavam descontentes com a

forma de governo de Jânio Quadros e temiam que o governo de Jango fosse uma espécie de sequência do “circo de horrores” do governo anterior.

A estreita relação de Jango com os movimentos sindicalistas, bem como sua política de reforma agrária que ia ao encontro do pensamento marxista, causou alvoroço entre os latifundiários, políticos e principalmente entre os militares que temiam a instauração de um governo baseado nos princípios comunistas.

Esse cenário permite ter uma noção sobre o conturbado momento pelo qual o país passava. Contudo, conforme defendido por Resende (2013), é necessário refletirmos se o governo de Jânio Quadros e, posteriormente, de Jango ocasionaram tantos danos ao país, ou, suas formas de governar divergiam dos interesses das classes dominantes?

Para Resende (2013), os discursos sobre a instabilidade política e econômica que alvoroçaram os ânimos dos brasileiros foram incitados em parte pelos políticos e em parte pela mídia. Para a autora, houve uma tentativa de justificar a tomada de poder pelos militares, através da disseminação de discursos sobre o período de instabilidade e perigo pelo qual o país passava.

Aproveitando esse momento, os militares empreenderam o golpe que destituiu Jango e colocou o general Castelo Branco como primeiro presidente militar. Nesse sentido, os militares seriam uma interessante alternativa, pois eles teriam a disciplina, a força e a competência para planejar e executar um plano a longo prazo para trazer novamente o país ao seu momento de estabilidade política e econômica (GASPARI, 2002).

Outro fator que cabe ressaltar, são as perspectivas históricas acerca da Instauração do Regime Militar. Atualmente, passados os “anos de chumbo” é possível ter uma noção dos vários aspectos acerca desse Regime. Com efeito, iniciado o Regime, a maioria do povo brasileiro não sabia ao certo o que esperar. Logo havia uma incerteza no ar sobre as mudanças vindouras.

Além disso, é importante ter em mente que o Jornal Cidade de Pinheiro era um jornal produzido numa pequena cidade no interior do Maranhão, naquele período, idos de 1960, não havia o acesso ou fluxo de informações disponíveis como temos hoje. Dessa maneira, as notícias eram transmitidas de forma mais lenta.

Ainda nesse contexto, as experiências construídas ao longo do tempo em que trabalhei no Jornal demonstram que muitas das notícias eram publicadas de acordo com outros jornais impressos de grande circulação, ou seja, muitas manchetes eram

elaboradas seguindo os discursos encontrados em outros jornais, ou até mesmo através do rádio, que tinha uma abrangência muito grande nessa época, considerado um veículo de informação crucial.

Nesse sentido, é possível inferir que o Jornal Cidade de Pinheiro reproduzia os discursos difundidos pelo Rádio e por outros jornais impressos de grande circulação, no qual a instauração do Regime Militar era vista como uma mudança necessária para trazer o país de volta à estabilidade.

Entretanto, cabe ressaltar outros discursos que não são encontrados na manchete aqui analisada. Por exemplo, discursos sobre a forma como os militares ascenderam ao poder. Com a renúncia de Jânio Quadros, Jango assumi a presidência, seguindo os trâmites estabelecidos pela constituição.

Cabe ressaltar que Jânio Quadros e Jango foram democraticamente eleitos. Entre os demais candidatos, sua chapa foi eleita pela maioria dos brasileiros. A ação dos militares em destituir Jango, que já havia tomado posse como presidente e permaneceu no cargo durante 4 anos, de 1961 a 1964, revela um desrespeito em relação à constituição. Contudo, a ação antidemocrática dos militares não é abordada na manchete acima.

Segundo Foucault (1971), a sociedade é composta por discursos, é através desses discursos que ocorrem as relações de poder, entre as instituições ou entre os sujeitos e as instituições. Nesse sentido, vemos a construção de um discurso que visa demonstrar que o país está melhor com um presidente não eleito, mas militar e selecionado pelos militares.

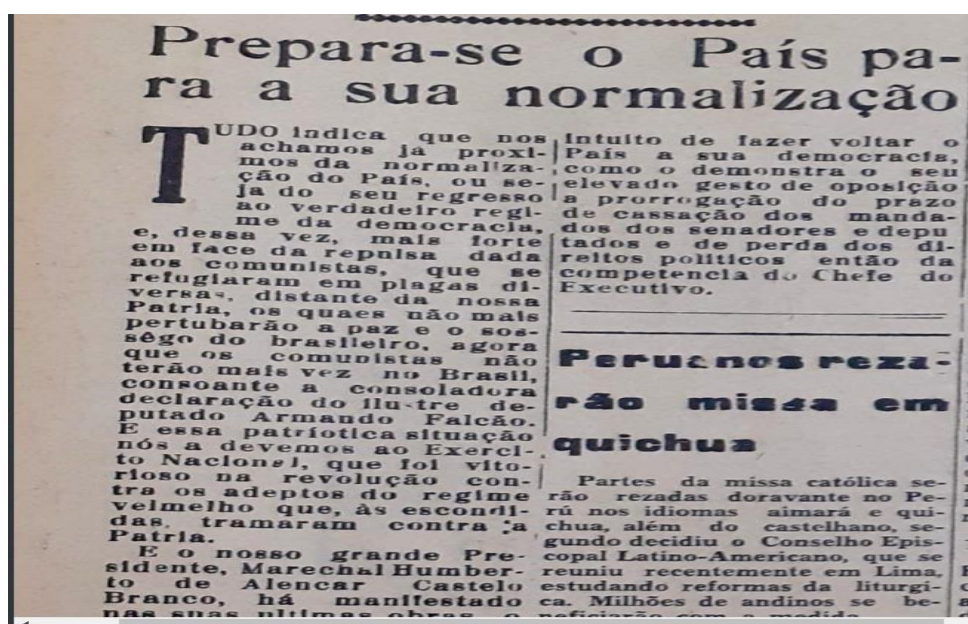
A manchete analisada foi publicada em 19/04/1964, fazia apenas 20 dias que os militares haviam assumido a presidência do país. Apesar do curto período, a manchete apresenta um sentido de que o país está melhor e está voltando a sua estabilidade graças ao novo Regime. Nessa perspectiva, é possível identificar um discurso que visa suavizar a abrupta tomada de poder pelos militares, bem como tranquilizar a população com a articulação de discursos como: “a paz volta a reinar”, para construir o sentido de que o Regime, embora não democrático, trouxe de volta a estabilidade ao país.

No tocante a segunda manchete: “Estão os brasileiros tranquilos e satisfeitos”, vemos um alinhamento com o discurso abordado na manchete anterior, no qual é possível identificar um discurso sobre os brasileiros sentirem que o país está melhor com a chegada do Regime Militar.

É interessante notar a estratégia discursiva empreendida nessa manchete. Ela começa com os termos “os brasileiros”, nesse discurso, o Jornal tem a intenção de representar a voz, a fala e a opinião do povo brasileiro, numa tentativa de homogeneizar as opiniões sobre o Regime. Essa tentativa de representar a voz da população brasileira, tem a intenção de difundir a ideia de que todos os brasileiros compartilham a mesma opinião em relação ao Regime Militar, bem como, tem a intenção de acalmar os ânimos, isto é, não é necessário questionar a legitimidade do Regime, está tudo em ordem, não apenas isso, os brasileiros estão “satisfeitos” com a nova forma de governo.

Ainda nesse sentido, a manchete traz um discurso sobre uma avaliação positiva acerca do Regime, pois na manchete vemos o discurso “tranquilos e satisfeitos”. Esse discurso tenta amenizar a forma abrupta e antidemocrática, com a qual os militares ascenderam ao poder.

Fotografia 02: Manchete 01 – Prepara-se o país para sua normalização



FONTE: APLAC

Trecho selecionado 02: “TUDO INDICA QUE NOS ACHAMOS JÁ PRÓXIMOS DA NORMALIZAÇÃO DO PAÍS, OU SEJA, DO SEU REGRESSO AO VERDADEIRO REGIME DA DEMOCRACIA, E DESSA VEZ, MAIS FORTE EM FACE DA REPULSA DADA AOS COMUNISTAS [...]”

Análise Discursiva: Nesse layout, cuja tiragem também é do dia 19/04/1964, selecionamos uma manchete e um trecho da reportagem subsequente, nas quais pode-se identificar o discurso de que o país estava sob ameaça, estava vulnerável politicamente e economicamente, mas agora, com a chegada do Regime, o país estava em processo de organização. Não somente isso, o país passa por um processo de normalização, voltando aos eixos, voltando a sua essência.

Após a manchete, temos o texto da reportagem no qual selecionamos um trecho que diz: “tudo indica que nos achamos já próximos da normalização do país, ou seja, do seu regresso ao verdadeiro regime da democracia, e dessa vez, mais forte em face da repulsa dada aos comunistas [...]”.

As análises discursivas entre a manchete e o trecho supracitado introduzem um discurso muito difundido durante o Regime Militar no Brasil, sobre os militares serem defensores da democracia brasileira, ameaçada por diferentes frentes, entre elas, a ameaça do comunismo.

As discussões de Gaspari (2002) e Resende (2013) evidenciam que após a Segunda Guerra Mundial havia um temor proveniente da expansão do Comunismo. Sua influência espalhou-se tanto geograficamente quanto intelectualmente, alimentando os ideais dos partidos políticos de esquerda de diferentes países e tendo como um dos principais representantes países como a União Soviética, atual Rússia.

O temor de alguns países como os Estados Unidos em perder sua hegemonia política e econômica levou a articulação de um movimento para desacreditar os princípios políticos e filosóficos do comunismo. Dessa maneira, a propaganda ideológica anticomunista caracterizava os países considerados comunistas como ditaduras, nos quais os cidadãos eram privados de seus direitos básicos. No Brasil, os militares, alinhados com os interesses políticos estadunidenses para impedir o crescimento do comunismo, bem como minimizar a influência de países como a União Soviética, ajudam a difundir os discursos sobre o perigo do Comunismo. Esse discurso é rapidamente assimilado e reproduzido pelas classes dominantes brasileiras, pois elas enxergam nos princípios comunistas uma ameaça para sua configuração econômica, sobretudo, em relação à reforma agrária.

Dessa forma, as classes com maior poder na sociedade brasileira, composta por alguns grupos políticos, o alto escalão militar, setores da mídia e integrantes das classes A e B ajudam a reproduzir o discurso sobre os perigos do comunismo, no qual

haveria a ameaça de uma revolução comunista no Brasil, similar a outras, tais como a revolução bolchevique na Rússia em 1917.

Nesse sentido, o comunismo, “de caráter violento e ditatorial seria um perigo para a manutenção da democracia brasileira”, bem como, “uma ameaça a outros segmentos essenciais ao caráter nacional do país, por exemplo, o cristianismo, a propriedade privada, a família etc.”

Ainda nesse contexto, os políticos, intelectuais e civis simpatizantes do comunismo são encarados como pessoas perigosas, subversivas, que não dão valor às instituições e aos símbolos nacionais. Essas pessoas são encaradas como antinacionalistas e, portanto, perigosas à manutenção da democracia em nosso país.

Diante do suposto perigo de uma revolução para instaurar uma ditadura comunista no Brasil, sobretudo em vista do flerte com os princípios comunistas identificados nos governos de Jango, os militares assumem o poder, através de um golpe, em 31 de março de 1964, na justificativa de salvaguardar a democracia brasileira.

Esse entendimento vai ao encontro do discurso encontrado no trecho da reportagem aqui analisado, o trecho: “do seu regresso ao verdadeiro regime da democracia” traz o discurso sobre o Brasil voltar a sua base democrática, antes ameaçada pelo crescimento da articulação comunista no país.

Nesse sentido, o Comunismo é entendido algo estranho, estrangeiro, que não faz parte do país, uma ameaça que sutilmente tem se espalhado pelo país. Nesse contexto, essa nova corrente política, o comunismo, não corresponderia às nossas tradições e cultura e assim estava tirando o país de lugar de estabilidade. Apesar disso, o Comunismo crescia “como um vírus” e com ele, crescia o temor sobre uma suposta revolução.

Com a instauração do Regime, os militares gradualmente implementaram medidas de investigação de “atividades subversivas” relacionadas à difusão do comunismo, resultando na perseguição e fechamento de muitos partidos políticos relacionados com o pensamento comunista, entre outras ações que visavam coibir sua difusão.

Segundo os discursos selecionados no Jornal Cidade de Pinheiro, aqui discutidos, essas atividades eram consideradas perigosas ao país e precisavam ser monitoradas e até extirpadas de nosso país. O trecho: “e dessa vez, mais forte em face da repulsa dada aos comunistas” (Jornal Cidade de Pinheiro, 1964, p.1) traz o

discurso sobre o país voltar a segurança do regime democrático, em vista da expulsão e restrição das atividades e ideais comunistas, ou seja, a intenção era difundir o discurso de que os militares estão enfrentando a ameaça comunista, e assim, o país volta a democracia, graças ao Regime Militar.

Assim, os discursos aqui analisados permitem identificar o seguinte sentido: o golpe que destituiu Jango e levou o país a um Regime militarista, embora antidemocrático, foi justificável, pois tinha o objetivo de proteger o país de uma revolução e ditadura comunista, e assim, proteger a democracia e os interesses do país.

Contudo, tal discurso revela-se contraditório, pois temos um golpe antidemocrático. Os militares alegavam que o Regime protegeria a democracia brasileira de uma ditadura comunista, no entanto, seu próprio Regime tornou-se ditatorial e violento.

Resende (2013) argumenta que o Comunismo estava longe de ser uma ameaça à forma de governo vigente da época. Para a autora, embora houvesse um crescimento na difusão do comunismo no Brasil, os partidos políticos e movimentos intelectuais de base comunista tinham pouca força e articulação para empreender uma revolução.

Dessa maneira, entende-se que o Comunismo não seria uma ameaça, mas uma justificativa para empreender medidas que visavam a manutenção da influência política dos Estados Unidos, bem como uma forma de garantir os privilégios das classes dominantes brasileiras. Isso por sua vez vai ao encontro das discussões teóricas de Foucault (1971) sobre os discursos e as relações de poder nas sociedades.

Ainda segundo Resende (2013), as grandes massas não tinham acesso a uma educação de qualidade, tampouco acesso às obras sobre o pensamento comunista. Dessa forma, a propaganda ideológica anticomunista, difundida por diferentes países contribuiu para o medo e desconfiança acerca de pessoas adeptas do Comunismo.

As discussões de Gaspari (2002) e Resende (2013) permitem inferir que os conflitos políticos entre os blocos, constituídos de um lado, por países capitalistas, e por outro, por países considerados comunistas, levaram os Estados Unidos a empreender uma campanha anticomunista que contou com os órgãos da mídia, tanto estadunidenses quanto brasileiros, na reprodução de discursos que visavam levar a população a repudiar e temer o comunismo.

Resende (2013) defende que essa foi uma das muitas estratégias do alto escalão militar brasileiro para angariar simpatizantes e apoiadores do Regime Militar, sobretudo os integrantes das classes com maior poder e influência, isto é, unir os brasileiros contra um inimigo em comum: o comunismo.

O Jornal cidade de Pinheiro, por sua vez, seja por falta de informação, ou por ser conscientemente contra os ideais comunistas, reproduz tanto nessa manchete, quanto no trecho da reportagem selecionado e analisado, o discurso sobre o enfrentamento do comunismo para salvaguardar a democracia brasileira, e assim, colocar o país de volta a sua “normalidade”.

Assim percebemos que o Jornal Cidade de Pinheiro, compartilha o discurso hegemônico das mídias impressas brasileiras, de alta circulação, no qual o comunismo consiste numa forma de ditadura e para combatê-la os brasileiros precisam da articulação e pulso firme dos militares. Por conseguinte, percebemos novamente uma tentativa de justificar e legitimar o Golpe Militar.

Fotografia 03: Manchete: Revolução e Estudantes



FONTE: APLAC

Trecho do texto: “Não sejam os estudantes mártires de um movimento deflagrado para restabelecer a ordem no país [...] Ausentes, os líderes que logicamente deveriam ser os professores, germinam facilmente as sementes lançadas pelos falsos líderes e

pelos oportunistas dentro das escolas. E a mocidade naturalmente [...] é facilmente desviada de seus caminhos normais pela atividade dos maus pregadores. Ajudada pelo governo, como vinha ocorrendo há muito tempo [...] não é de admirar que a obra de corrupções ou envenenamento produza os frutos que gerou. A propaganda subversiva colhe em cheio os grupos estudantis pertuba-lhes a formação [...] agora no instante de restabelecer a ordem no país e de fazer voltar a escola a plenitude de sua vida educacional e formadora, é preciso meditar fundamentalmente nessas duas culpas- do governo, e dos mestres [...].”

Análise discursiva: A manchete intitulada Revolução e Estudantes, foi extraída do Jornal Folha de São Paulo, em 25/05/1964, conforme vemos no rodapé da reportagem, e publicada em uma das páginas do jornal Cidade de Pinheiro, cuja tiragem data do dia 30/05/1964. Em seguida, vemos a reportagem que critica a forma radical, e conforme o texto brutal com a qual algumas autoridades estavam tratando alguns estudantes envolvidos em “atividades subversivas”.

Segundo Resende (2013) as atividades subversivas, as quais o Regime Militar monitorava e perseguia estavam relacionadas com a difusão dos princípios comunistas. Dessa maneira, reuniões, palestras, seminários, ou atividades desenvolvidas por partidos políticos, bem como manifestações artísticas - músicas, filmes, peças de teatro etc. relacionadas com o comunismo eram consideradas subversivas e perigosas.

Segundo a reportagem, havia focos dessas atividades subversivas nas escolas secundárias, nas universidades e nos centros estudantis brasileiros. A reportagem traz um discurso sobre os comunistas estarem estrategicamente infiltrados com a intenção de doutrinar os jovens, para assim, ter a força e o apoio dos estudantes e da juventude brasileira para empreender a revolução.

Na reportagem é possível identificar um discurso sobre os dois principais culpados por essa expansão do comunismo entre os estudantes brasileiros, o governo anterior, do presidente Jango, e dos mestres (professores). Assim, vemos o discurso sobre o perigo do Comunismo, alastrando-se sutilmente entre a juventude brasileira.

A reportagem critica o radicalismo e a brutalidade com a qual algumas agências de segurança estavam tratando os estudantes envolvidos nas supostas atividades subversivas. O trecho “não sejam os estudantes mártires de um movimento deflagrado para restabelecer a ordem no país” apresenta um discurso que enaltece o Regime

Militar ao caracterizá-lo como um movimento cuja intenção seria restabelecer a ordem do país. Contudo chama a atenção para a necessidade de uma abordagem mais compreensiva e humanizada para com os estudantes.

Ao longo da reportagem encontramos sugestões sobre como essa abordagem deveria ocorrer, ao invés de serem expulsos das escolas ou interrogados duramente, ou mesmo marginalizados, os estudantes deveriam ser orientados a abandonar o pensamento e o envolvimento com as atividades subversivas, essa orientação deveria ocorrer dentro das próprias escolas.

É interessante notar a tentativa de desmotivar os jovens e estudantes a participar dessas atividades consideradas subversivas. O comunismo é apresentado como algo nocivo aos jovens, que prejudica sua formação educacional e desenvolvimento pessoal. Portanto, deveria ser evitado por eles, como vemos na estrofe: “A propaganda subversiva colhe em cheio os grupos estudantis perturbar lhes a formação”.

Ainda nesse sentido, os jovens são retratados como pessoas numa fase da vida com muitas dúvidas e incertezas, fase a qual estão vulneráveis a serem cooptados por doutrinas e pensamentos perigosos a eles e à sociedade.

A reportagem segue elencando os dois principais responsáveis por essa situação, o governo e os mestres. Por último, a reportagem refere-se ao governo anterior, ou seja, a presidência de Jango – “Ajudada pelo governo, como vinha ocorrendo há muito tempo”.

Assim vemos mais uma vez o discurso sobre os perigos à nação, aos brasileiros e a democracia proveniente do governo Jango. Suas relações com os movimentos sindicais, suas propostas de reforma agrária, o pouco entusiasmo no apoio aos Estados Unidos etc. serviram como justificativa para caracterizá-lo como simpatizantes do Comunismo, logo uma ameaça ao país.

Vemos também, o recorrente discurso sobre o país anteriormente estar sob ameaça e agora estar retornando a sua essência e normalidade “agora no instante de restabelecer a ordem no país”. Portanto, vemos o discurso de justificativa e legitimação do Golpe Militar.

O outro culpado apontado na reportagem, os mestres, seriam os professores que por não disporem tempo para acompanhar e orientar devidamente os estudantes, ou por serem simpatizantes do comunismo, possuíam uma parcela de culpa no fato de muitos estudantes estarem envolvidos com atividades subversivas.

Dessa maneira, percebemos que O Jornal Folha de São Paulo compartilhava dos interesses dos Militares, pelo menos, durante os primeiros anos do Regime Militar. O Jornal reproduz o discurso sobre o Regime ser responsável pela manutenção do sistema democrático do nosso país. Esse discurso pode ser encontrado em diferentes jornais impressos da época.

Por conseguinte, o Jornal Cidade de Pinheiro reproduz a reportagem e seus discursos sobre os perigos do comunismo e da participação dos estudantes nas atividades subversivas. O pouco conhecimento dos editores sobre o comunismo, bem como, a grande credibilidade do Jornal Folha de São Paulo, certamente levaram os editores a acrescentar essa reportagem a sua edição, com a intenção de alertar a população sobre a necessidade de manter atenção sobre os jovens e estudantes para evitar que eles façam parte de atividades consideradas inadequadas aos jovens brasileiros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, para o cientista social Foucault (1971) as sociedades caracterizam-se pelas relações de poder. Nesse cenário de conflitos de interesses, em busca de mais poder e influência, os discursos despontam não apenas como instrumento de controle social, mas também como um meio para a orientação das perspectivas da população sobre certos fenômenos sociais, isto é, os discursos norteiam nossa visão sobre a sociedade e o mundo.

Nesse contexto, os jornais impressos, assim como outras mídias, fazem parte desses conflitos de poder. Embora tentem passar uma imagem de profissionalismo e imparcialidade, para manter sua credibilidade junto aos leitores e ao público em geral, as discussões de Cyrre (2010) e Longhi (2010), apresentadas no capítulo 4, indicam que os jornais impressos, desde suas origens, selecionam e constroem as reportagens a fim de significar as notícias conforme seus interesses.

Conforme discutido na seção 4.1, o jornalismo maranhense desde sua fundação esteve vinculado as classes políticas e as classes com maior poder e influência na sociedade maranhense. Esses grupos detinham os meios necessário para fundar e gerenciar os jornais, e assim, usavam-nos como instrumentos para alcançar seus interesses.

Ainda em relação aos jornais como agentes nas relações de poder que permeiam a sociedade. Longhi (2010) destaca que nos anos iniciais a Instauração do Regime Militar alguns jornais impressos, demonstraram entusiasmo e apoio em relação ao novo Regime, na tentativa de alçar maior visibilidade e poder social junto aos militares.

Somente anos depois, em vista da perseguição, censura e fechamento de algumas empresas jornalísticas, alguns jornais começam a se posicionar contra ações arbitrárias e violentas dos militares, isto é, os jornais reagem mediante a ameaça do Regime aos seus interesses.

As pesquisas reunidas neste TCC também evidenciam as articulações políticas internas e externas que levaram a elaboração e disseminação de um discurso sobre os perigos do comunismo, discurso esse altamente reproduzido na mídia e na sociedade.

Os Estados Unidos visando impedir o crescimento político de países considerados comunistas, por exemplo a União Soviética, em ascensão internacional

após a Segunda Guerra Mundial, iniciam uma campanha de propaganda anticomunista, no qual, os países comunistas são caracterizados como ditaduras, países subdesenvolvidos, onde a população vive em condições sub-humanas.

Essa propaganda começa a ser reproduzida por outros países, como o Brasil. Assim, os setores com maior poder e influência no país- os latifundiários, os membros da classe A e B, os militares e alguns jornais de grande circulação, também reproduzem os discursos sobre os aspectos nocivos do comunismo para um país de regime democrático como o nosso.

As discussões de Gaspari (2002) e Resende (2013) evidenciam que as classes dominantes brasileiras repudiavam alguns dos princípios do Comunismo, por exemplo, a questão da reforma agrária, item contemplado dentro do pacote de medidas desenvolvido no governo Jango. O descontentamento com algumas pautas do governo da época, bem como, a insatisfação em relação à economia, com a política externa e outros fatores contribuíram para que os militares articulassem o Golpe que destituiu o então presidente Jango.

Para Resende (2013), os militares tinham ciência de que a legitimação do Golpe Militar era vital para a manutenção do seu poder. Assim eles reproduzem os discursos sobre os perigos de uma revolução comunista que transformaria o país numa ditadura. Nesse sentido, os militares tomaram uma medida energética, antidemocrática, mas necessária para garantir a continuação do sistema democrático brasileiro.

As análises das reportagens do Jornal Cidade de Pinheiro evidenciam uma reprodução dos discursos encontrados em grandes jornais na época, sobre o país estar voltando a sua segurança e normalidade, graças a Instauração do Regime Militar.

As análises das reportagens selecionadas não demonstraram uma abordagem crítica sobre os acontecimentos que vinham ocorrendo no país, isto é, não há críticas aos militares pela forma arbitrária com a qual eles tomaram a presidência do país, assim como, não há uma análise coerente sobre os ideais comunistas apregoados pelos partidos políticos de base comunista.

Isso demonstra um despreparo por parte dos editores e responsáveis pela produção das reportagens, a falta de pesquisa e a falta de conhecimento sobre os princípios comunistas defendidos pelos partidos brasileiros. Assim, é perceptível nas

reportagens a reprodução do discurso homogêneo acerca do perigo do comunismo e da necessidade da intervenção militar para combater essa ameaça.

Como veículo de informação de extrema importância, o Jornal Cidade de Pinheiro transmitia para os seus leitores, em algumas matérias, aquilo que se chama nos dias de hoje, através das redes sociais, reprodução de fatos que não foram pesquisados para publicá-los de forma coerente.

Dessa forma, passava aos leitores a sensação de que estava tudo bem, tudo em ordem e que agora as coisas tomariam caminhos melhores e que esse tal regime seria a solução para o problema de todos. No entanto, cabe ressaltar que não se tinha acesso a um arcabouço necessário de pesquisas e informações importantes para o referido veículo de informação, devido até mesmo a demora em ocasião da distância, como já foi informado e as tecnologias não existentes na época.

É interessante perceber a força que um discurso assume numa sociedade. A maioria dos jornais e outros meios de comunicação de massa propagavam no espaço social o discurso que visava legitimar o Golpe Militar, sendo, por conseguinte, reproduzido pela população. Ainda hoje é possível encontrar pessoas que reproduzem discursos com conotação negativa acerca do comunismo.

O atual presidente da república, Jair Bolsonaro, desde que assumiu a presidência, em diferentes momentos, seja em declarações públicas ou através das redes sociais, reproduz discursos anticomunistas e de enaltecimento do Regime Militar.

Durante a inauguração de um complexo viário na BR-153, o presidente Bolsonaro fez um pronunciamento no qual declarou: “Quero, mais uma vez, agradecer a todos vocês pela confiança, pela crença no Brasil [...] Comunismo é um fracasso, socialismo é uma desgraça. Nós somos a maioria. Nós, juntos, vamos mudar o destino do Brasil” (ALVES, 2022).

Vemos no pronunciamento do presidente um discurso sobre os aspectos negativos do Comunismo e do Socialismo, tendo por base a configuração política de países considerados comunistas. Não obstante, Durante a cerimônia de oficialização da saída de alguns ministros do governo que irão concorrer a cargos políticos nas eleições de 2022, o presidente fez outro pronunciamento no qual declarou: “Quem esteve no governo naquela época fez a sua parte. O que seria do Brasil sem obras do governo militar? Não seria nada, seríamos uma republiqueta” (MAZUI; RODRIGUES, 2022).

Dessa vez vemos o presidente exaltar o Regime Militar, esse discurso é muito semelhante aos discursos que visavam legitimar o Golpe Militar, fazendo-o parecer algo necessário para manter a democracia e a segurança do país e dos brasileiros. Esse discurso ainda é reproduzido por muitas pessoas e inclusive por muitos órgãos das mídias. Por conseguinte, muitas pessoas continuam a comungar desse entendimento e a reproduzir tais discursos.

Diante do exposto, percebe-se que o Jornal Cidade de Pinheiro, não apresentava crítica sobre os acontecimentos que levaram a Instauração do Regime Militar, assim como não apresenta uma visão coerente sobre o governo militarizado que dominava o país.

Em vista de abordarmos apenas algumas reportagens do Jornal Cidade de Pinheiro, publicadas nos anos de 1964, sobre a chegada do regime militar, não podemos fazer afirmações sobre todos os discursos presentes nas reportagens. Contudo, nossas análises permitem identificar a presença dos discursos homogêneos sobre a ameaça comunista e a necessidade da intervenção militar para proteger a democracia brasileira, discurso esse partilhado por outros jornais de grande credibilidade e circulação no país.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - "**Brasil: Nunca Mais**". Petrópolis: Vozes, 1985

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ALVES, Renato. **Bolsonaro ataca comunismo, mas nada fala sobre o ataque da Rússia à Ucrânia**. 2022. PORTAL O TEMPO BRASÍLIA. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/bolsonaro-ataca-comunismo-mas-nada-fala-sobre-o-ataque-da-russia-a-ucrania-1.2620750>. Acesso em: 26 dez. 2021.

ARAÚJO, Johny Santana de. A imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado Imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. Revista Dimensões, Universidade Federal do Espírito Santo. vol. 33, n. 1, 2014, p. 360-383.

BASTOS, C. L; KELLER, V. **Aprendendo a aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARVALHO, Guilherme, **Diretrizes para a Análise de Discurso em Jornalismo**. Disponível em: <https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/.../291> Revista Uninter de Comunicação, ano 1, n. 1, Jun/Dez 2013. Acesso em: 08 fev. 2018.

COLÍN, David Garcia. **Os limites pós-modernos das ideias de Foucault**: uma crítica marxista. uma crítica marxista. 2020. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/os-limites-pos-modernos-das-ideias-de-foucault-uma-critica-marxista/>. Acesso em: 26 out. 2021.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da. Notícia e interesse público: Os jornais impressos e a disputa de leitores e anunciantes. Revista Eletrônica do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, vol. 1, n.1, 2012.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO POLÍTICO NA MÍDIA IMPRESSA. **Cadernos do II**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p. 33-44, jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/24915/14899>. Acesso em: 08 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no *College de France*, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Publicado por Editions Gallimards, Paris, 1971.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.

GASPARI, Elio. A ditadura derrotada. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Introdução a Análise de Discurso. Canal Adamazonia AD. Youtube. 10 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUwmCxB1Tp4>. Acesso: 18 set. 2021.

LONGHI, Carla Reis. Mídia impressa: visibilidade e mediação. **Líbero**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 33-44, jun. 2010. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/456>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MAZUI, Guilherme; RODRIGUES, Paloma. **Em discurso, Bolsonaro defende ditadores militares e deputado dos atos antidemocráticos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/31/em-discurso-no-planalto-bolsonaro-defende-ditadores-militares-e-deputado-reu-por-atos-antidemocraticos.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2022.

MELO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. **Comunicação e Informação**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 26-38, jun. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24592>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MIRANDA, Gustavo Lima de. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1265/2/20266495.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

OLIVEIRA, Edson Trombeta, **Linguagem tendenciosa na mídia impressa**. v. 1, n. 2, p. 228-243, *Presidente Prudente-SP, jul./dez. 2010*.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósComMetodista, a. 29, n. 49, p. 43-64, 2º sem. 2007.

PINTO, Célia Regina Jardim, **Elementos para uma Análise de Discurso Político**. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>. Acesso em: 08 fev. 2018.

RABELO. Claudio. Aula sobre a obra de Foucault A Ordem do Discurso. Canal Prof. Claudio Rabelo. Youtube. 09 dez de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XduTN6FanYg>. Acesso: 15 fev. 2020

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

REIS, Caroline Kirsten. **História da escrita**: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização. 2019. 49 f. TCC (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28854/1/Hist%C3%B3riaEscritaUma.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.

RESENDE, Maria José. **A Ditadura Militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade. Londrina: Eduel, 2013.

RIBEIRO, Loredana. **Tradição e ruptura na arte rupestre da Lapa do Gigante** – Montalvânia/MG. Revista Clio, v. 1, n.12, Pernambuco: UFPE 1997.

VIVEIROS, Jeronimo de. **Quadros da Vida Pinheirense**; Organização de José Jorge Leite Soares –São Luís, Instituto Geia, 2007.

GOMES, Francisco José de Castro. **Coisas da Nossa Terra**: Coletânea de Artigos Publicados no Jornal Cidade de Pinheiro de 1921 a 2003; Pinheiro, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1- Manchetes Jornal Cidade de Pinheiro (19/04/1964)

ANO XLIII
Diretor:
Elisabetho de
Carvalho
Pinheiro-Ma.

Cidade de PINHEIRO
Orgão dos interesses dos municípios do interior

N. 2.111
Secretário-Geral:
Francisco José de
Castro Gomes
19-4-1964
(DOMINGO)

Com o Gal. Castelo Branco á Presidencia da República, voltou a paz a reinar no País

Novo Pres. da República



ESTÁ empossado no Brasil no cargo de Presidente da República, o ilustre General Humberto Castelo Branco, tendo sido realizado o ato da posse com imponente solenidade, no dia 15 deste mês, o que foi festejado em todos os recantos do País, e que estão hoje os brasileiros, completamente tranquilos, certos de que na direção do País se encontra um grande brasileiro, capaz de conduzir a nossa Pátria aos seus bons e grandes destinos.

O General Humberto Castelo Branco, é um dos mais cultos generais do Exército Brasileiro, com uma enorme folha de bons serviços prestados à Pátria, dentre os quais, não podemos deixar de ressaltar, e de por em um plano assas elevado, a sua veemente ação altamente política concebendo para por abaixo, por uma vez, o malévolo intuito do aventureiro que conseguiu abalar o País com o triste e criminoso movimento posto em prática nos ultimos dias de março passado, fazendo corrê-los, e enfim regressar á tranquilidade de nosso Brasil, pois que não pode fugir ao belo regime da Democracia, que impera nas nações cultas e civilizadas.

Presentemente, entrozados, como se acham os poderes legislativo e executivo, voltados ambos para os grandes interesses da Nação, bem de ver, constitui esse fato segura garantia para a tranquilidade e prosperidade do nosso País.

Brasileiros, estamos de parabéns, e que Deus não nos falte nunca com a sua bênção para que possamos viver sempre no melhor ambiente de ordem, progresso, paz e tranquilidade.

Estão os brasileiros tranquilos e satisfeitos

DO NOSSO correspondente da capital tivemos a comunicação de que em todo o território brasileiro se verificou um grande movimento de alegrias no dia da posse a Presidência da República, do General Humberto de Alencar Castelo Branco.

Essas manifestações levadas a efeito em toda a parte do território nacional é bem uma eloquente prova da confiança que todos nós depositamos na ação governamental do atual Presidente da República.

E os seus primeiros contactos com os auxiliares de seu Governo, são reveladores de democráticos serviços de que vai beneficiar a nossa Pátria.

A escolha dos brasileiros para a composição do Ministério do Governo, obedeceu ao mais elevado critério de patriotismo, não influido em nada a ação exclusivamente política ou partidária.

O NOVO MINISTÉRIO

BRASÍLIA, 15 (M) — É a seguinte a composição do Ministério do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco.

GUERRA — General Artur da Costa e Silva.

MARINHA — Almirante Augusto Reidemark.

AERONAUTICA — Brigadeiro Francisco de Assis Correa de Melo.

JUSTIÇA — Senador Milton Campos.

TRABALHO — Dr. Arnaldo Sussekind.

EXTÉRIOR — Embaixador Vasco Leitão da Cunha.

FAZENDA — Dr. Otávio Conveia de Pulhões.

AGRICULTURA — Dr. Oscar Thompson Filho.

VIÇÃO E OBRAS PÚBLICAS — Marechal Juarez Távora.

EDUCAÇÃO — Professor Flavio Lacerda.

INDUSTRIA E COMÉRCIO — Dep. Daniel Faraco.

MINAS E ENERGIA — Mario Timbau.

O TIRADENTES



Mais um aniversário do suplicio sofrido pelo herói José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, transcorre depois de amanhã, dia 21 deste mês.

Nos nossos dois grupos escolares, «Odorico Mendes» e «Elisabetho Carvalho», ouvirão os alunos a preleção de uma professora sobre a morte do Grande Martir.

Inauguração da Agência do Banco do Brasil

Fomos seguramente informados de que será procedida definitivamente no dia 20 de maio próximo o douto a inauguração da Agência do Banco do Brasil, nesta cidade, no prédio completamente remodelado, sito a Rua Cel. Raimundo Araújo, face para a Praça Presidente Eurico Dutra.

S. E. M.

Encontra-se na cidade, uma equipe do Serviço da Erradicação da Malária (SEM), chefiada pelo cidadão Alkimdas Pereira Nojosa, com a finalidade de elevar um levantamento total, em todo território deste município.

Assinal Cidade de Pinheiro

FONTE: APLAC

ANEXO 2 – Manchetes Jornal Cidade de Pinheiro (21/06/1964)

ANEXO 2

Diretor:
Elisabetho de
Carvalho
Pinheiro-Ma.

Cidade de PINHEIRO

Orgão dos interesses dos municípios do interior

N. 2.119

Secretaria-Geral
Francisco José de
Castro Gomes
21 - 6 - 1964
(DOMINGO)

Terminado o prazo para cassação de mandatos dos representantes federais

Prepara-se o País para a sua normalização

TUDO indica que nos próximos dias o País se prepara para a sua normalização. O prazo para a cassação dos mandatos dos representantes federais terminou ontem, e os senadores e deputados não foram cassados. Isso indica que o País se prepara para a sua normalização. O prazo para a cassação dos mandatos dos representantes federais terminou ontem, e os senadores e deputados não foram cassados. Isso indica que o País se prepara para a sua normalização.

Intuito de fazer voltar o País a sua democracia, como o demonstra o seu elevado gesto de oposição à prorrogação do prazo de cassação dos mandatos e de perda dos direitos políticos dos deputados e senadores, não competia ao chefe do Executivo.

Velhinho espera morrer em 1976

DIARIAMENTE às 14 horas em ponto um homem idoso chega ao cemitério municipal de Araraquara, em S. Paulo: é o sr. Carlos Lázaro de Oliveira, atualmente com 74 anos, ereto ao seu terno de brim, óculos modernos e chapéu de feltro. O bom velhinho fica limpando o túmulo de sua mulher, falecida em 1943, enquanto arranja também o oratório e as flores da tumba que servirá aos seus ossos. O cidadão crente que morrerá em 25 de outubro de 1976, às 11 horas (30 anos depois de sua mulher) e até lá faz plantão no cemitério. (AAR)

Peru nos rezeirão missa em quichua

Partes da missa católica serão rezadas durante no Peru nos idiomas aimará e quichua, além do castelhano, segundo decidiu o Conselho Episcopal Latino-Americano, que se reuniu recentemente em Lima, estudando reformas da liturgia. Milhões de índios se beneficiarão com a medida.

Pelo Correio e Telégrafo

PELAS notícias vindas de São Paulo, vai o Sr. Sebastião Archer, considerado insubstituível, a serviço do Correio e Telégrafo do Estado. A Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Marabá, onde estagiará hoje ao sr. Sebastião de Archer, que se encontra em Guaxupé, no Estado de Minas Gerais, a serviço do Correio e Telégrafo do Estado. O novo Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Estado, onde estagiará hoje ao sr. Sebastião de Archer, que se encontra em Guaxupé, no Estado de Minas Gerais, a serviço do Correio e Telégrafo do Estado.

Sen. Sebastião Archer, um homem de bem

NO atual regime, após a vitória do nosso Glorioso Exército que pôs abaixo a pretensão dos comunistas em impor a sua nefasta doutrina ao Brasil, começaram a surgir, com o intuito de prejudicar aos políticos de dignidade, do País, as acusações mais infundadas contra os homens públicos de bem, que sempre se opuseram ao ideologismo de origem russa que eles, os comunistas pretendiam adotar na nossa Pátria. Dentre os políticos vítimas das infundadas acusações, lembraram-se os nossos indivíduos, do ilustre senador da República, Sebastião Archer.



de Federação constante as emendas apresentadas na Câmara, e, principalmente, no Senado, estendendo o valor da verba a outros Estados.

Divulgada a acusação, o governador Sebastião Archer, dentro de sua norma de proceder, logo dirigiu-se em visita a sua terra na aplicação dos dez milhões de cruzados, o que demonstra o pequeno topico, abaixo transcritos, e extraído da Revista "O CRUZEIRO" de 6 de 11 mês, o qual põe em evidência de como o Governador Sebastião Archer, com os gastos do ambiente público prestados centos ao Poder competente de como

FONTE: APLAC

ANEXO 3 – Manchetes do Jornal Cidade de Pinheiro (14/06/1964)

ANO XLIII

Director:
Elisabete de
Carvalho
Pinheiro—Ma.

Cidade de PINHEIRO

Orgão dos interesses dos municípios do interior

N. 2.118

Secretário-Geral:
Francisco José de
Castro Gomes

14 6—1964
(DOMINGO)

Cassado o mandato do senador Juscelino

Também foram cassados os direitos políticos por espaço de dez anos

VIERAM as nossas mãos, remetidas por nosso correspondente de São Luís, as edições de «O Globo» e do «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, ambas do dia 9 deste mês de junho, com notícia desenvolvida da cassação do mandato do Senador Juscelino Kubitschek e a suspensão dos seus direitos políticos pelo prazo de dez anos, atado do Presidente da República datado de 8 deste mês, conchecido nos seguintes termos: «O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo parágrafo único do art. 18 do Ato Institucional, de 9 de abril de 1964, e tendo em vista a indicação do Conselho de Segurança Nacional, resolveu cassar o mandato legislativo e suspender os direitos políticos pelo prazo de dez anos, do Senador Juscelino Kubitschek de Oliveira.» Esse decreto foi assinado pelo Marechal Castello Branco, no Palácio da Alvorada.

Segundo aludido jornal, foi intensa a repercussão do ato.

«Cidade de Pinheiro» em São Paulo



Dr. ANTONIO JOSÉ CORDÊBO

Temos a satisfação de comunicar aos nossos dedicados amigos e leitores, que o illustre e distinto advogado, professor e jornalista maranhense, Dr. Antonio José Cordêbo, acaba de se dirigir ao nosso Diretor, circunscrevendo de que, com muito prazer, passará a pertencer ao quadro dos redatores, correspondentes de «Cidade de Pinheiro», com exercício na capital do grande Estado de São Paulo, onde tem, hoje, a sua residência, comprometendo-se a manter conosco ampla e responsável epistolar sobre



Ex. Senador JUSCELINO KUBITSCHEK
CHIEF DE OLIVEIRA

que atingiu o ex-Presidente da República, tendo-se verificado várias manifestações populares no centro da capital federal, todas favoráveis ao Senador Juscelino.

Em frente da prisão de sua residência reuniu-se, de uma vez, grande massa de povo a overcinar o nome do ex-presidente do Brasil, a qual todo assistiu de uma das janelas do prédio. Havendo surgido na janela nessa ocasião a esposa de Dr. Juscelino, que se abraçou ao marido, foi transformada a manifestação em uma nome homenagem cívica, cantando todos ao mesmo tempo, com grande vibração e entusiasmo o Hino Nacional que foi acompanhado por toda a multidão que se acotovelava em frente à residência de Kubitschek.



WALTER DA SILVA BURGOS
da sua exma. família.

Foi Walter Burgos homenageado pelas famílias pinheirenses, que compareceram a sua residência

Revolução e Estudantes

NÃO sejam os estudantes os maiores de um movimento delirado para reatarmos ao país o regime da ordem e criar, dessa maneira, condições para o desenvolvimento da pátria.

Muitos jovens, universitários ou mesmo de curso secundário, estão a estas horas sendo inquiridos, talvez brutalizados por uns ou outros, autoridade menos digna, a respeito de alegadas atividades subversivas.

E possível que não poucos, naturalmente ligados, recebam ordens de expulsão de suas escolas, o que significa na prática a impossibilidade de seguir seus estudos.

Não raras vezes denunciamos aqui os desmandos que uma errônea e criminosa política oficial mantém em relação aos estudantes brasileiros e que significam na prática a impossibilidade de seguir seus estudos.

Em muitos casos, os estudantes são acusados de serem subversivos, sem que tenham cometido qualquer ato de subversão. Na verdade, a situação de tantos estudantes, presos entre os horrores da repressão e a necessidade de viver, é uma situação que não permite a qualquer manifestação de rebeldia.

No curso secundário é conhecida a situação de tantos estudantes, presos entre os horrores da repressão e a necessidade de viver, é uma situação que não permite a qualquer manifestação de rebeldia.

com as escolas, a tal ponto que possam estes considerados amigos e aliados por orientadores.

Assim, os alunos, que logicamente deveriam ser os professores, geralmente sofrem todos as mesmas condições, pelos mesmos motivos e pelas mesmas oportunidades dentro das escolas. E a necessidade, naturalmente inconformada (e aí de fato, ou de qualquer sociedade, em que a realidade não seja transformada) é facilmente detectada de seus caminhos normais pela atividade dos seus pedagogos.

Ajudado pelo governo, com vista a um certo hábito, sobre a situação e a situação, não se pode admitir que a obra do corrupção ou enriquecimento produza os frutos que se quer. A propaganda estudantil, por ser uma propaganda, portanto, não se pode admitir que a obra do corrupção ou enriquecimento produza os frutos que se quer.

A maioria dos estudantes não são apóstatas, mas de ser considerada recuperável, depois de devidamente tratada, pela o que a escola é quase uma doença. A doença provocada pelo sistema de ensino que atravessamos, não tem cura, mas a solução necessária se torna a discussão franca e em que os estudantes podem ser o comportamento daqueles que deveriam servir de guia e modelo.

Estamos em tratamento adequado. Mas não são e a escola, nem a recuperação, nem a solução, não se pode admitir que a obra do corrupção ou enriquecimento produza os frutos que se quer.

Não se esqueçam, os que têm em suas mãos o poder de decidir, que a realidade, essa realidade que está em grande parte de

O Verão

ESTA se ludando a época das abundantes águas que transformaram os nossos campos em lago de grande profundidade.

Ja se aproxima o verão, o que quer dizer que vamos entrar, agora, na estação considerada a da Saúde, porque, relativamente, esse é o período em que as febres, as gripes desaparecem, para surgir a boa disposição do corpo, e como ele, a alegria de viver.

Essa é, e não outra a época que tem início a 1.º do próximo mês de julho.

E também nesse período que a cidade de Pinheiro muda de toilette substituído as fachadas sujas dos seus prédios por outros de alto relevo no azeite e no brilho, que aliviam com a limpeza.

Por outro lado, também as nossas avarias públicas recebem os melhoramentos que, no tempo das chuvas, estavam na impossibilidade de serem

ANIVERSARIU NO DIA 12, O SENHOR WALTER DA SILVA BURGOS

recheram a sua residência com os melhores elementos.

Fez-se representar este semanário, na homenagem por seu Secretário-Geral Francisco José de Castro Gomes. Renunciaram a sua residência com os melhores elementos.

Fez-se representar este semanário, na homenagem por seu Secretário-Geral Francisco José de Castro Gomes. Renunciaram a sua residência com os melhores elementos.

vamos ao digão aniversário, as nossas felicitações com os votos de muitas felicidades extensivas a todos os seus, e reprodução da data por muitos anos, para felicidade e alegria dos seus amigos.

Arikerne Machado na Assembleia do Estado

Diz a imprensa maranhense que o sr. Arikerne Machado 5.º suplente do P.S.P., em as cassações de inúmeros suplentes do seu partido, passou para o primeiro lugar com a licença do dr. Wilson Mar'ques.

O—

Ato Institucional — A imprensa maranhense comenta que o ato institucional terminado mesmo no dia 15 do corrente conforme desejo expresso do Presidente Castello Branco.

transformação, em vista da lama e do lodo de que se revestiam.

Vamos, pois, entrar em uma fase mais linda e mais divertida visto como o povo só pode divertir-se quando diafragma de excelente saúde.

FONTE: APLAC